

Jovens e Adolescentes em Prosa

A reprodução desta publicação, na íntegra ou em parte, é permitida desde que citada a fonte. Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa. Versão online disponível gratuitamente em academia.edu/mariacristinadamianovic

Direito de uso do livro:
Maria Cristina Damianovic e Fernanda Liberali

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Damianovic, Maria Cristina
Jovens e adolescentes em prosa / Maria Cristina Damianovic /
Campinas, SP : Pontes Editores, 2016

Bibliografia.
ISBN 978-85-7113-790-5

1. Adolescências - juventudes - jovens e adolescentes
2. Literatura brasileira - crônicas I. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Adolescências - juventudes - jovens e adolescentes - 305.23
2. Literatura brasileira - crônicas - 869b

Jovens e Adolescentes em Prosa

MARIA CRISTINA DAMIANOVIC

ILUSTRAÇÕES:
NELSON TOLEDO



Copyright © 2016 Maria Cristina Damianovic

Coordenação Editorial: Pontes Editores

Editoração eletrônica: Eckel Wayne

Revisão: Fernanda Moreno Cardoso

Capa e ilustrações: Nelson Toledo

Fotos:

Fernanda Liberali por Maurício Shimoura

Giulia Miranda Monetta por Thaís Mesquita

Henrique Bovo Lopes por Giovanna Menucelli

Maria Cristina Damianovic por Paulo Sérgio Damianovic

Nelson Toledo por Vivian Koblinsky

Esta é uma obra ficcional, organizada em crônicas, escrita a partir de fatos reais e/ou próximos à realidade com o toque da literalização e liberdade autoral.

PONTES EDITORES

Rua Francisco Otaviano, 789 - Jd. Chapadão

Campinas - SP - 13070-056

Fone 19 3252.6011

ponteseditores@ponteseditores.com.br

www.ponteseditores.com.br

2016

Impresso no Brasil

DEDICATÓRIA

Ao Paulo, meu marido, por sempre estar ao meu lado em apoio constante e vibrante desde minha adolescência.

À Profa. Dra. Fernanda Liberali, minha orientadora de Pós-Doc, no LAEL, na PUC-SP, por abrir espaços para jovens e adolescentes do DIGIT-M-ED/LACE e do LIGUE contarem sobre suas adolescências e juventudes e por convidar-me para a tarefa de transformar essas vozes em crônicas.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos Especialíssimos

Aos participantes do DIGIT-M-Ed Brasil, do LACE e aos meus alunos do PPGL / UFPE, que me contaram fatos de suas adolescências e juventudes:

André Falcão Pessoa Zappalenti

Cláudia Gil

Cristiane Lucia da Silva

Evelin Nascimento da Silva

Everton Pessôa de Oliveira

Feliciano do Amaral

Fernanda Liberali

Francisco de Camargo Lima

Giulia Miranda Monetta

Henrique Bovo Lopes

Ivana Siqueira Teixeira

Karina Nunes da Silva

Larissa Lucas

Letícia Soares Pinheiro

Márcia Pereira de Carvalho

Margareth Patápio

Maria Cristina Damianovic

Maria Regina Passos

Michelly de Souza Santos

Mylena Chagas de Queiroz

Samanta Malta

Shirley Adriana de Sousa Silva

Simone Uehara

Valentina Montserrat Treviño Valenzuela

Viviane Araújo

Viviane L. S. Carrijo

Mais agradecimentos queridos

À Fernanda Liberali, minha orientadora de Pós-Doc, no LAEL/PUC-SP, por sempre iluminar a abertura de novas rotas a serem tomadas em minha vida;

Ao LAEL por acolher-me em mais uma etapa de educação na minha formação como ser humano, professora e orientadora;

Ao Nelson Toledo, pelas ilustrações que transformam palavras em traços firmes e plenos de luz;

A Francisco de Camargo Lima, Maria José Caldas de Camargo Lima, Ivone Caldas Resende, Fernanda Coelho Liberali, Camila Santiago, Jéssica Aline dos Santos e Fernanda Moreno Cardoso, por suas leituras críticas;

À Fernanda Moreno Cardoso pela revisão desta obra;

À Editora Pontes pelo importante apoio!!!

Ao DIGIT-M-ED / LACE, por inspirarem e apoiarem essa publicação;

Aos grupos de pesquisa LACE: Linguagem em Contextos Escolares, LIGUE: Linguagem, Línguas, Escola e Ensino e LIFE: Literatura para a Vida, por acolherem as metas planejadas e apoiarem a publicação desta obra.

Ao SIAC: Simpósio de Ações Cidadãs e ao All Stars: Múltiplos Mundos pelo amplo apoio!!!

SUMÁRIO

Adolescências dramaticamente vividas	11
Fernanda Coelho Liberali	
Adolescências e Juventudes.....	17
Maria Cristina Damianovic	
Essa menina nasceu virada.....	21
De bicicleta para as escolas	25
Eu vou! Vai não!	29
Sonho de mãe não é sonho de filha	31
De luto no casamento	33
Sobrou na Overdose do trabalho em grupo.....	39
Degraus de lágrimas	41
Só se o lenço vier com seu perfume.....	43
Você vai para não voltar	47
É a Polícia!	51
Azeitona faz a curva	55
Tóquio também quer ir para a escola.....	57
Adolescer é adoecer?.....	59
Vai trabalhar!	63
A Contramão da vida	67
O atraso que mudou minha vida!	69
A mala de cerveja	75
Beijar o vovô na caixa.....	79
O Oficial da Virgem.....	81
Emília	87
Um negão de respeito!	89

12 e 23	93
O Banheiro do Clube	95
Cansei de ser certinha!	97
O Mantô Vermelho Voador	101
Os jardins dos saltos	105
Presley Elvis, Elis Regina e Agatha Christiny	109
Gualicho e Quiproquó	113
O Caju e a Couve.....	121
24 x 0	125
A necessidade de “desrotular” a juventude	129
Henrique Bovo Lopes	
Giulia Miranda Monetta	

ADOLESCÊNCIAS DRAMATICAMENTE VIVIDAS

Fernanda Coelho Liberali
LAEL/ FORMEP – PUC-SP

No final de 2015, quando fazíamos o fechamento do Projeto DIGIT-M-ED/Brasil¹, uma questão me inquietava: o que sabemos sobre como os adolescentes, com os quais trabalhamos no projeto, sentem, agem e vivem. Considerando o tanto que se discute, valoriza, ridiculariza, preocupa, questiona essa fase da vida, me parecia, no mínimo, intrigante que não tivéssemos realizado qualquer discussão sobre como os participantes do projeto se sentiam em relação a isso.

Em nosso grupo de Pesquisa LACE² já realizamos vários projetos com adolescentes, crianças, crianças pequenas, e adultos, ao longo dos anos. No entanto, são os adolescentes que suscitam sempre maior preocupação, atenção, questionamentos. E nós estávamos intrigados com os resultados fantásticos que víamos nas falas desses participantes que expressam o quanto participar do projeto tinha e tem sido fundamental para suas vidas. Transformador mesmo. Uma questão central

1 *DIGIT-M-ED/Brasil – Transformando o ensino-aprendizagem*, projeto realizado com escolas públicas e privadas, para o trabalho com saberes múltiplos, a partir de formação crítico-colaborativa de todos os partícipes da comunidade escolar, como formadores de formadores. Tem como meta a reestruturação no modo de conceber o trabalho com conhecimentos múltiplos, realizado por meio de discussão, elaboração, construção, implementação e reelaboração de propostas de transformação curricular, com foco na desencapsulação e no cruzamento de barreiras culturais. Foi pensado a partir de aspectos observados em nossa sociedade globalizada, no cotidiano escolar, na leitura de pesquisas da área e no recente desenvolvimento do Projeto Interinstitucional Internacional *DIGIT-M-ED*.

2 Disponível em: <dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2544910924106098>. Acesso em: 20 mai. 2016.

para eles era: “vocês realmente nos escutam!”, “aqui no projeto nossas ideias têm importância”, “não importa a idade a gente sempre é ouvido e questionado”. Essas colocações iniciaram o percurso de escuta sobre as histórias vividas por esses jovens e adolescentes atuais e já adultos.

O que significou/significa ser adolescente para cada um dos participantes do projeto? Que experiências dessa fase foram realmente impactantes em suas vidas? O que isso nos diz sobre nós mesmos e sobre essa fase da vida?

Desse movimento, surgiu a proposta de redação de histórias impactantes vividas pelos participantes em suas adolescências. Cada um dos pesquisadores escreveu uma história que fosse marcante por ser engraçada, feliz demais, infeliz, difícil – **dramática**. Para compartilhá-las, resolvemos transformá-las em crônicas. Para isso, a Cris Damianovic foi convidada a ler todas as nossas histórias e, a partir delas, construir crônicas.

Na base dessas construções todas, duas ideias sustentaram as histórias contadas: uma, a perspectiva de adolescência em quadro sócio-histórico-cultural; e outra, uma consideração pelos eventos dramáticos que marcaram essa fase. Neste capítulo, meu objetivo é explicitar o que entendemos por adolescência e esclarecer sobre o que são os eventos dramáticos transformados em crônicas escritas, contadas belamente pela autora de *Jovens e Adolescentes em Prosa*.

ADOLESCÊNCIA EM QUADRO SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL

Segundo a Organização Mundial de Saúde - OMS (1965), o Ministério da Saúde do Brasil (BRASIL, 2007a) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (BRASIL, 2007b), a adolescência refere-se à segunda década da vida (dos 10 aos 20 anos). Já, para a OMS, a juventude (dos 15 aos 25 anos) seria o período intermediário e final da adolescência e o período inicial da vida adulta.

Difere de puberdade, que está ligada aos fenômenos fisiológicos, à maturação física e às mudanças orgânicas (tais como mudanças corporais e hormonais, dimorfismo sexual e capacidade reprodutiva), segundo Kalina e Laufer (1974), Melvin e Wolkmar (1993), Schoen-Ferreira e Aznar-Farias (2010), e a própria OMS (1965). Conforme apontam Schoen-Ferreira e Aznar-Farias (2010, p. 227), a puberdade é marcada por mudanças biológicas visíveis e universais, porém essas mudanças “não transformam, por si só, a pessoa em um adulto”. A adolescência se relaciona aos componentes psicossociais desse mesmo processo e varia de acordo com o modo como cada pessoa se relaciona em seu contexto sócio-histórico-cultural (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS, 2010; LIDZ, 1983; BOCK, 2007; OZELLA; AGUIAR, 2008). É possível, portanto, compreender que existem muitas, diversificadas adolescências.

Tratada como um fenômeno natural e universal em uma perspectiva que desconsidera as condições sociais, históricas e culturais dos sujeitos (BOCK, 2007; OZELLA; AGUIAR, 2008), a adolescência é descrita como uma fase de turbulências, de ações irrefletidas (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2010).

Em um quadro sócio-histórico-cultural, a adolescência pode ser compreendida como uma categoria historicamente constituída (OZELLA; AGUIAR, 2008) ou uma produção social (BOCK, 2007). Essa adolescência como uma construção social serve de referência (AGUIAR, BOCK, OZELLA, 2001) para sujeitos que são classificados como adolescentes e que passam a construir suas identidades a partir desses elementos.

EVENTO DRAMÁTICO E PEREZHIVANIA

Nas várias fases da vida, vivenciamos eventos dramáticos que marcam profundamente quem somos. Para Vygotsky (1934/1994), esse evento dramático, ou a colisão emocional social, é experienciado por meio de contradições entre os indivíduos (interpessoal) em uma atividade. Essa experiência

intensa vivida com o outro é refletida e experimentada também de forma individual (intrapessoal).

Segundo Vygotsky (1934/1994), a maneira como uma experiência é percebida e faz sentido para um sujeito, realmente afeta o meio ambiente e o próprio sujeito, não necessariamente em sua constituição física, mas perceptivelmente. Assim, é possível compreender *perezhivanie* como o recorte individual das interações e experiências dos indivíduos com e em meios ambientes (mundos socioculturais). Conforme explica Vygotsky (1934/1994), no evento dramático, cria-se a base para o desenvolvimento. Nesse duplo movimento de constituição, o vivido com o outro se transforma em vivido consigo mesmo (LIBERALI, 2016). Assim, momentos dramáticos criam *perezhivanie* e transformam os sujeitos enquanto transformam o contexto.

NARRAR HISTÓRIAS, CRIAR REALIDADES

As histórias, aqui transformadas em crônicas, surgiram como formas de compartilharmos experiências vividas em nossas adolescências. Nossas histórias marcaram quem somos e criam novas possibilidades de sermos. Em nossos projetos de extensão e pesquisa, essas histórias que vivemos surgem em nossos modos de agir, pensar, sentir com os demais. Criamos novas histórias juntos com os eventos dramáticos que produzimos em conjunto. Ressurgimos transformados por esses eventos e experimentamos novas possibilidades de sermos.

Desejo que as adolescências aqui narradas sirvam de experiências para que os leitores recuperem, vivenciem, relembrem, criem possibilidades futuras de serem e transformarem a si e aos demais.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. M. J.; BOCK A. M. B.; OZELLA S. A Orientação Profissional com Adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.) *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*, São Paulo: Cortez, 2001, p. 163-178.
- ARAÚJO, C. M.; OLIVEIRA, M. C. S. L. Significações sobre o desenvolvimento humano e adolescência em um projeto socioeducativo. *Educação em revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, 2010, p. 169-194.
- BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, v. 2, n. 1, p. 63-76, 2007.
- BRASIL. *Saúde de adolescentes e jovens. Caderneta*. (2007a) Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/saude/>>. Acesso em: 21 mar. 2007.
- BRASIL. *Indicadores sociais. Crianças e adolescentes*. (2007b) Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: 21 mar. 2007.
- KALINA, E.; LAUFER, H. *Aos pais de adolescentes*. Rio de Janeiro: Cobra Morato. 1974.
- LIBERALI, F. C. Articulação entre argumentação e multimodalidade em contextos escolares. In: LIBERALI, F. C.; DAMIANOVIC, M. C.; NININ, M. O. G.; MATEUS, E.; GUERRA, M. (Orgs.). *Argumentação em contexto escolar: relatos de pesquisa*. São Paulo: Editoras Pontes, 2016, p. 63-78.
- LIDZ, T. *A pessoa: seu desenvolvimento durante o ciclo vital*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1983.
- MELVIN, L.; WOLKMAR, F. R. *Aspectos clínicos do desenvolvimento na infância e adolescência* (3ª. ed). Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1993.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Problemas de la salud de la adolescencia. Informe de un comité de expertos de la O.M.S* (Informe técnico nº 308). Genebra. 1965.
- OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, v. 38, n. 133, p. 97-125, jan./abr. 2008.
- SCHOEN-FERREIRA, T. H., AZNAR-FARIAS, M. Adolescência através dos Séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. São Paulo, vol. 26, n. 2, p. 227-234, abr.-jun. 2010.
- VYGOTSKY, L. S. (1934) The problem of the environment. In: VAN DER VEER, R.; VALSINER, J. (Orgs.) *The Vygotsky reader*. Oxford, UK: Basil Blackwell Ltd, 1994, p. 338-354.



Fernanda Coelho Liberali possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado e doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Realizou estágio de pós-doutoramento na University of Helsinki, com o Prof. Dr. Yrjö Engeström e na Freie Universität Berlin, com os Profs. Drs. Christoph Wulf e Michalis Kontopodis. Atualmente, realiza estágio de pós-doutoramento sobre o papel do brincar no desenvolvimento humano, com a Profa. Dra. Carrie Lobam da Rutgers University e demais pesquisadores do Eastside Institute. Atua como professora do Departamento de Inglês, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Formação de Formadores, da PUC-SP. De 2008 a 2011, foi a representante brasileira da International Society for Cultural and Activity Research (IS-CAR) e, de 2013 a 2014, voltou a contribuir para a Sociedade, como uma de suas representantes. De 2011 a 2014, coordenou no Brasil o Projeto Internacional DIGIT-M-ED, financiado pelo Marie Curie Actions. É uma das líderes do Grupo de Pesquisa Linguagem em Atividade no Contexto Escolar e atua como coordenadora geral do Projeto de Extensão DIGIT-M-ED/Brasil: Transformando o ensino-aprendizagem pelos múltiplos meios. Trabalha ainda como formadora de professores, coordenadores, diretores e formadores de formadores e conselhos escolares para instituições de ensino, públicas e particulares, e, especificamente, para as Diretorias Municipais de Ensino de São Paulo. liberali@uol.com.br: fliberali@pucsp.br.

ADOLESCÊNCIAS E JUVENTUDES

Maria Cristina Damianovic
(DL/PPGLEtras UFPE – LIGUE/LACE-
Pós-Doutoranda no LAEL – PUC-SP)

*Jovens e Adolescentes em Prosa*¹ nasceu de uma necessidade de nós, pesquisadores-formadores conhecermos mais de perto as adolescências/juventudes dos adolescentes/jovens que integram o Digit-M-Ed Brasil, doravante Digit-M-Ed.

No Digit-M-Ed, esses jovens/adolescentes “assumem, igualmente, a responsabilidade pelo desenvolvimento de si e dos outros e, assim, cada um pode ser considerado um agente formador” (LIBERALI et alii, 2015, p. 3). Com o objetivo de descobrir as adolescências/juventudes desses agentes formadores, um convite foi feito aos jovens/adolescentes participantes do DIGIT-M-Ed para que contassem fatos marcantes (um bom e um ruim) de suas adolescências/ juventudes. O convite foi bem recebido e os fatos começaram a chegar! Esses episódios de vidas foram enviados para mim por e-mail, por mensagem de áudio pelo whatsapp, ou em conversas ao pé do ouvido. Inclusive nós, pesquisadores-formadores do DIGIT-M-Ed, ficamos entusiasmados e participamos com relatos que marcaram nossas adolescências/juventudes!

Para organizar as informações que chegaram, li todos os acontecimentos e os transformei em crônicas ficcionais base-

1 *Jovens e Adolescentes em Prosa* é um dos resultados de minha pesquisa de Pós-Doc (DAMIANOVIC, 2015), com parte dos dados construídos no Projeto de Extensão Digit-M-Ed Brasil, coordenado pela Profa. Dra. Fernanda Liberali, minha orientadora de Pós-Doc no LAEL, na PUC-SP.

adas em fatos reais. Recorri à crônica para dar uma roupagem de frescor às palavras que chegaram até mim e revelaram que há adolescências/juventudes.

O uso do plural é necessário para marcar que esta obra vai além da concepção naturalizante que encaixa e veda a adolescência/juventude como uma, única, como uma fase natural entre infância e vida adulta, hidratada de hormônios (BOCK, 2007) que transformam crianças, “dando-lhes altura, forma e sexualidade de adultos” (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS, 2010, p. 227).

Jovens e Adolescentes em Prosa ilumina juventudes/adolescências repletas de contradições sociais, com impacto na subjetividade e na transformação de jovens/adolescentes em atores sociais determinantes na modernidade (BOCK, 2007).

Jovens e Adolescentes em Prosa registra “os adolescentes concretos, historicamente situados e constituídos nos seus reais movimentos” (OZELLA; AGUIAR, 2008, p. 113) de vidas. Os adolescentes/jovens nesta obra estão na escola, na universidade, em casa, na rua, na festa, na balada, na fazenda, no posto de gasolina, no carro, na bicicleta, na igreja, na obra, na delegacia de polícia, no abrigo, no aeroporto, com amigos, falsos amigos, colegas, família, policiais, com e na sociedade que eles constroem ao se constituírem como si mesmos, ao se perceberem como “eu sou porque nós somos”! O processo de envio dos fatos, de escrita das crônicas, bem como a leitura dramática de muitas delas nos encontros do Digit-M-Ed, em 2016, alinha-se à temática do 8º SIAC: Simpósio de Ação Cidadã (LACE, 2016): Agência Colaborativa nos saberes produzidos em diferentes espaços de atuação social e pesquisa.

Jovens e Adolescentes em Prosa está, também, ligado ao All Stars Múltiplos Mundos², evento agregado ao SIAC, cujo lema para 2016 é UBUNTU: “eu sou porque nós somos” e está voltado à apresentação de *performances* na forma de teatro, dança, música, movimento, mágica, entre outros, de forma a

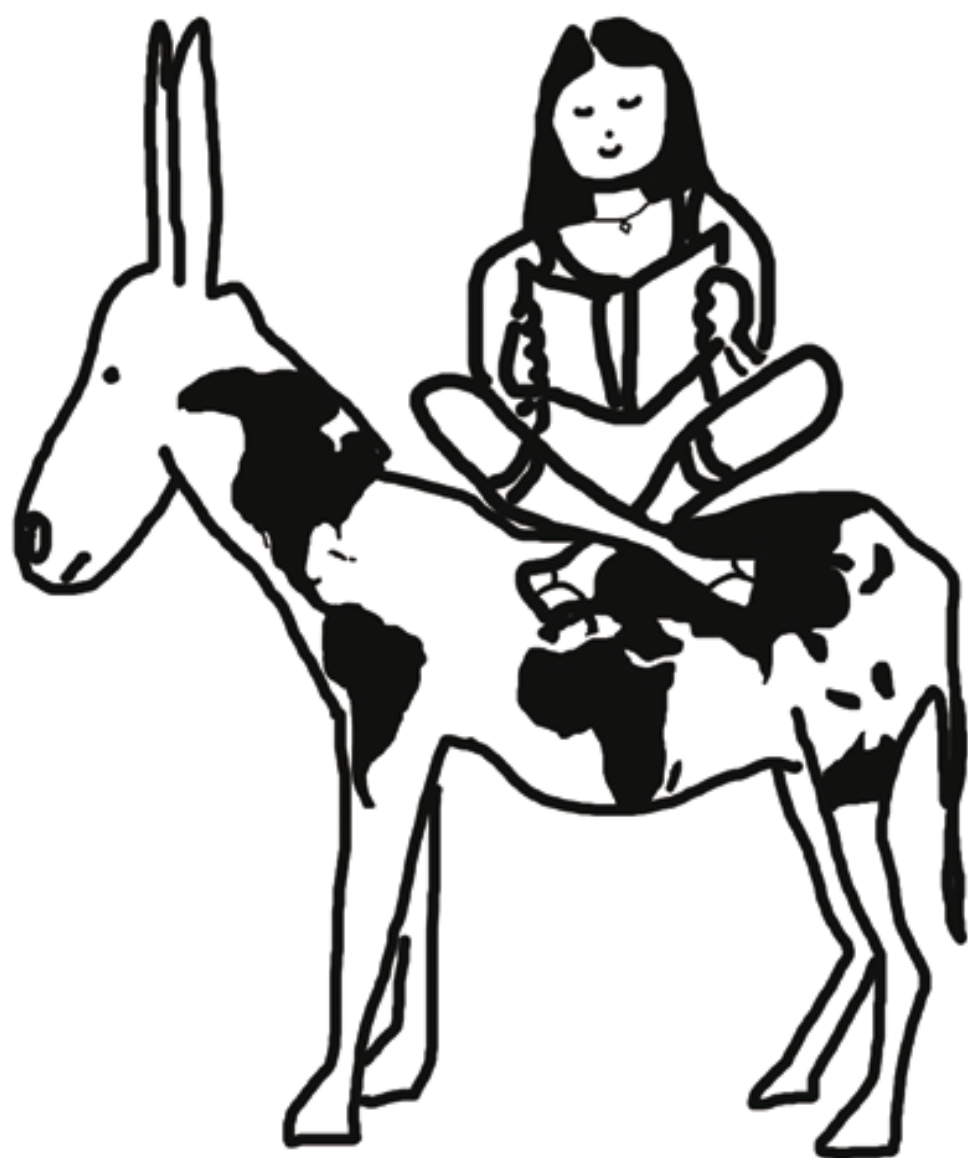
2 All Stars Múltiplos Mundos objetiva “reunir participantes de contextos vários para a apresentação artística de performances que propaguem valores colaborativos que estão na base das ações cidadãs” (LACE, 2016).

expressar “vitórias pessoais, com vistas ao desenvolvimento de relações colaborativas nas ações humanas” (LACE, 2016). A minha *performance* foi escrever *Jovens e Adolescentes em Prosa*!

Nas trinta e uma crônicas a seguir há um alerta para a “responsabilidade de todos que fazem parte de um conjunto social” (LACE, 2016). Jovens/adolescentes, pais, irmãos, familiares, amigos, professores, profissionais e adultos em geral precisam ser alertados para a responsabilidade que possuímos na formação e na construção social de nossos jovens/adolescentes. Há que “garantir um espaço para que as vozes adolescentes/juvenis sejam ouvidas” (MERLUCCI, 1996, p. 14) para se tornarem “parceiros sociais” (LOPES; MONETTA, nesta obra). *Jovens e Adolescentes em Prosa* é um desses espaços! Desejo uma excelente leitura! E convido-o também para participar de futuras obras enviando seus fatos, sua história, sua lista de acontecimentos, como você preferir, para www.lace-siac.com/historias

REFERÊNCIAS

- BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Revista semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional* v. 2, n. 1, p. 63-76, 2007.
- DAMIANOVIC, M. C. *Projeto de Pós-Doc LAEL/PUC-SP*, 2015.
- LACE. *Grupo de Pesquisa Linguagem em Contexto Escolar*. Credenciado no CNPQ, 2016. Disponível em www.lace-siac.com. Acesso em: 25 out. 2016.
- LIBERALI, F. C. et ali. *DIGIT-M-ED Brasil: Uma Proposta de Desencapsulação da Aprendizagem por meio dos Multiletramentos*. *Revista Prolíngua*. João Pessoa, PB, v. 10, n. 3, p. 1-23, nov./dez. 2015.
- LOPES, H. B.; MONETTA, G. M. A Necessidade de “desrotular” a juventude. Neste volume.
- MERLUCCI, A. Juventude, tempos de movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação*. ANPED, n. 5 e 6, p. 05-14, 1997.
- OZELLA S.; AGUIAR, W.M. J. Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 133, p. 97-125, jan./abr. 2008.
- SCHOEN-FERREIRA, T. H., AZNAR-FARIAS, M. Adolescência através dos Séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. São Paulo, v. 26, n. 2., p. 227-234, abr./jun. 2010.



ESSA MENINA NASCEU VIRADA

– Amâncio, não é possível essa menina! Ela nasceu virada!!! É toda trelosa!!!! Me dá um trabalho! Por que será que ela não é uma menina igual às outras? – consternada, disse minha mãe ao meu pai. E continuou: – Ela tem nove anos. Veja, lá vai ela montando seu jegue, que ela batizou de Oropa aos quatro anos quando você o deu a ela. Lembra-se? Lá vai ela correr a cerca da fazenda com seu chicotinho na mão. E na barriga uma peixeira para criança. Onde já se viu isso, Amâncio!!!!?

– Eu vou rodar o mundo, mas volto logo, mãe! – eu dizia para minha mãe toda vez que montava Oropa ou ia com meu pai para a cidade estudar ou vender algum produto da fazenda.

Aos dez anos eu já era uma grande negociante e meu pai me deixava fechar os negócios da venda de mangas, caju, galinha e cabra. Eu sempre gostei do universo além da cozinha e prendas da casa, que era o que minha mãe esperava de mim. Mas eu gostava de estar na rua! Minha mãe dizia que eu seria carteira ou guarda de trânsito! Sempre na rua!

– Eu vou rodar o mundo, mas volto logo, mãe!

E com catorze anos fui com meus dois primos para a capital. Meus dois primos e eu éramos como carne e cutícula. Não nos largávamos. Um dos meus primos era maior de idade e nos levava passear para todo o canto. O outro tinha minha idade. Que trio! Dessa vez fomos conhecer o mar!!!! Gostamos tanto que dormimos na praia por quatro dias. Voltei para casa torrada e com insolação. Despelei que nem cobra!

– Amâncio, essa menina nasceu virada! Está em carne viva! Veja isso! – minha mãe falou cuidando de minhas queimaduras da temporada na praia.

– Minha filha, não quer entrar no curso de corte e costura da igreja? Começa semana que vem! Posso inscrever você? – na tentativa de ver em mim a mulher dona de casa que ela queria que eu fosse.

– Eu vou rodar o mundo, mas volto logo, mãe!

Peguei uma mala cheia de roupa e entrei na camionete de meu pai, que acelerou logo, antes de qualquer possível reação de minha mãe, que nem imaginou que a mala estivesse cheia, de verdade.

– Cadê Mariazinha, Amâncio? – perguntou minha mãe ao meu pai quando ele voltou para a fazenda sem mim, dois dias depois de termos saído de lá. Minha mãe achou que eu voltaria da capital com meu pai. Ele calculou dois dias estratégicos para voltar para casa para dar tempo de eu chegar e ligar para dizer que já tinha chegado.

– Foi rodar o mundo, Carlota! Mas volta em seis meses, meu bem! – dando um abraço na esposa, comunicou o pai.

– Rodar o mundo?... como assim?... e volta daqui seis meses!!!! Para onde você levou nossa menina, Amâncio? – estupefata e quase esguelando Amâncio, minha mãe investigou.

– Foi para a Inglaterra aprender inglês, meu bem! Ela está com dezoito anos, faz Letras e precisa ter essa experiência no exterior! E assim, ela me ajuda nas exportações da manga para a Inglaterra, Carlota!

– Amâncio, como é que Mariazinha vai suportar o frio da Inglaterra? O mais frio que ela pegou foi 21oC! – pensando na saúde da filha, indagou a mãe.

– Tá tudo certo! Ela levou dinheiro para comprar roupa de frio. Ela sabe se virar – confiante na filha, explicou o pai.

– Se virar? Ela nasceu virada, Amâncio. Essa menina desde que mamava, mamava no meu peito olhando a janela. No meu colo, ela olhava para a cerca. Do berço ela pulava para sua garupa. Da cadeira para o jegue que você deu para ela. E agora ela foi rodar o mundo para além-mar e volta daqui a seis meses? Não vou aguentar, Amâncio. Vai buscar nossa menina – choramingando, suplicou Carlota.

– Deixa a menina seguir seu caminho, Carlota. Ela não é para ser dona de casa. Mariazinha é mulher para o mundo! Deixa ela conhecer o mundo e escolher seu lugar, que não é aqui na fazenda – com o peito cheio de orgulho da filha, disse o pai saindo para correr a cerca em seu burro.

Voltei para a fazenda depois de seis meses com planos de estudar no exterior – economia.

– Não era Letras o que você queria, minha filha? – perguntou minha mãe preocupada com meu futuro.

– Letras eu termino em três anos, mãe. Depois volto para a Europa para estudar economia de exportação – com a certeza do meu futuro traçado.

– Pai, preciso conversar com você! Tenho três empresas interessadas em suas mangas e no caju. Podemos conversar sobre isso? Mãe, passa um café para a gente e serve com um cuscuz e queijo coalho?

– Amâncio, essa menina nasceu virada!

DE BICICLETA PARA AS ESCOLAS

Estudar foi sempre a meta em casa. Meu pai era porteiro e minha mãe auxiliar de escritório. A vida difícil e o dinheiro contado em cada centavo.

Meu pai sempre me levou para a escola, desde pequena, em sua bicicleta, que tinha na frente, uma área para carregar pequenas cargas. Quando eu era menina, eu ia dentro de um engradado que ele adaptou para a bicicleta. Depois, no ensino fundamental, ia sentada, também na frente, sobre um pedaço de tapete de elevador.

Um dia, meu pai entrou em desespero porque as greves na escola pública impediam que eu tivesse aula e eles não podiam pagar uma escola particular. Fiquei sem aula por quase um semestre.

De tanto me ver na entrada do edifício, estudando os livros dos anos anteriores, uma moradora perguntou por que eu não estava na escola.

– Por causa da greve – respondi, me sentindo humilhada.

– E por que você não está na escola privada? – com certa inocência financeira de nossa situação social, ela perguntou.

– Porque não podemos pagar uma escola particular – respondendo mais humilhada ainda.

– Deixa comigo; eu vou ver isso. Falarei com seu pai hoje.

Na semana seguinte, eu comecei a ir, ainda com meu pai me levando na frente de sua bicicleta, para uma pequena escola

particular do bairro. A vizinha conseguiu uma bolsa para mim. O ensino era fraco, mas melhor do que não estudar. Estudei o que pude e sempre pedia mais para meus professores. Eles me ofereceram o que tinham. Um professor me passou todas as apostilas de um sobrinho dele.

Chegou a época de fazer vestibular. Queria fazer cursinho e não tinha dinheiro. Um outro vizinho me falou de um cursinho da universidade federal que era grátis. Era longe, mas eu fui. Meu pai me dava carona de bicicleta pela manhã e eu voltava de ônibus.

Passei em uma universidade privada. Meu pai me levava de bicicleta pela manhã e eu voltava a pé porque a distância permitia, muito embora o calor e o sol me esquentassem muito. Não consegui bolsa. Pedi para assistir às aulas como ouvinte e assim o fiz por um ano. Também frequentei o cursinho grátis dessa mesma faculdade.

Como ouvinte, aprendi o espanhol porque eu fazia Letras: Português / Espanhol. Tirei as melhores notas. Os professores fizeram o possível para eu conseguir bolsa, mas como eu havia feito o ensino médio em escola particular, não poderia receber a bolsa.

Os professores me deram muito apoio, inclusive financeiro porque viam que eu não tinha dinheiro para fotocopiar material, lanchar ou mesmo almoçar.

Um ano se passou, e passei na Federal!!!!!! Letras, Português/ Espanhol! Que felicidade imensa!!!!!!

Primeiro dia de aula e meu pai me levou de bicicleta para meu primeiro dia de aula. Cheguei à Federal na garupa de meu pai. Eu já estava mais forte e a garupa era o melhor lugar para mim. Eu poderia pedalar. Mas a satisfação dele em me levar me nutria!!!!!!

Consegui uma bolsa de manutenção e, com ela, meu pai não precisaria mais me levar para a universidade. Mas ele fez questão de me levar todos os dias. E eu fui. Algo tão divino!

Fui todos os tipos de bolsista na Federal. Fiz meu TCC, que ganhou o prêmio de melhor TCC naquele ano! Meus pais ficaram tão orgulhosos! No dia da formatura, eram duas as comemorações, a da graduação, e a da entrada no mestrado. Como houve uma greve na Federal, o último semestre terminou em setembro. O processo de seleção de mestrado iniciou em outubro. Em dezembro já era mestranda matriculada!!!!

Sim, estou no mestrado, primeiro semestre e bolsista CAPES! E pensar que tudo isso começou em um engradado, depois passei por um tapete de elevador para chegar à garupa da bicicleta de meu pai. Com ele e minha mãe, mais os anjos que apareceram no meio das pedaladas, estou aqui na Federal! E ainda serei professora na Federal!

EU VOU! VAI NÃO!

Minha mãe sempre foi o tipo bruxa! Como implica comigo! Me xinga sempre de malcriada, feia e teimosa. E desde que se casou com meu padrasto, um homem rude, desagradável, vagabundo, minha mãe ficou ainda pior.

– Eu vou à festa no 380! – informei minha mãe. – A galera toda estará lá e quero dançar com meus amigos. Só isso. Não vou beber, usar drogas e dar por aí! – expliquei sem precisar, porque já tinha dezoito anos!

– Vai não! Esse lugar é só para vadia! – ela retrucou! – E tem estuprador na entrada desse lugar. A escada da estação de metrô para chegar lá também é cheia de estuprador! – ela, irritada, me diz aos berros.

– É nada! Eu vou com a Marieta, que a senhora gosta tanto. Que a senhora diz que é linda, educada e bem de vida! Ela vai dirigindo e não bebe.

Que ciúmes eu tenho da Marieta. Ela só recebe elogios de minha mãe. Marieta é minha melhor amiga! Com ela consigo sobreviver na casa da minha mãe e com meu padrasto. Marieta me dá conselhos de como proteger-me da fúria de minha mãe.

A hora passa e eu me visto para a festa.

– Tô me arrumando, mãe! – informo, na tentativa de estreitar meu relacionamento com minha mãe. Para que ela possa entender que só vou me divertir e em segurança.

– Você não vai, minha filha! – ela esbraveja querendo me sentar a mão.

– Vou, mãe! E não tem nada de mais. Vou me divertir com meus amigos! – tentando persuadi-la, expliquei.

– Você vai com esse cabelo ruim, com essa pele cheia de espinha, feia desse jeito, com esse cheiro de casa úmida, com essa cara pobre, esse vestido usado e ainda malcriada? – tentando me humilhar para eu desistir, ela gritou para toda a vizinhança ouvir.

– Vou! – peguei o batom, o pouco do dinheiro que tinha e saí batendo a porta.

Quando Marieta me pegou, estava em prantos! Ela secou cada lágrima minha e disse que tudo se ajeitaria e que aproveitássemos aquela noite como nunca!

Dançamos a noite toda. Não fumei. Não bebi. Só água. E não usei drogas! Dancei e conversei!

Naquela noite conheci o Oswaldo. Começamos a namorar ali no 380!

Naquela noite, ou melhor no dia seguinte, cheguei em casa para tomar café. Ela me ignorou por meses.

Durante aqueles meses percebi que meu rumo já era outro. Minha mãe havia feito a opção dela e eu fiz a minha. Oswaldo e eu nos casamos depois de um ano de namoro e noivado. Estudávamos à noite e conseguimos iniciar nossa vida assim.

SONHO DE MÃE NÃO É SONHO DE FILHA

Na cabeça da minha mãe, casar na igreja é para mulher virgem, formada e com um ótimo marido.

Na minha cabeça, casar é morar com meu amor, no momento em que o amor vier.

E assim foi. Conheci Waldekson em meu aniversário. Ele veio com meu primo. Nos apaixonamos à primeira vista, eu com dezesseis e ele com dezessete. Ambos no Ensino Médio. Eu trabalhava em um café da família e ele era office-boy.

Nos amamos muito desde nossa primeira manhã de amor, sim, não foi noite de amor. Foi manhã porque faltamos à escola! Fomos para a casa dele, que estava vazia.

Queríamos nos prevenir. Eu logo pensei em tomar pílula, mas como esconder a pílula da minha mãe que fuça todo lugar de meu quarto e todo canto de minha roupa e bolsas?

Decidimos seguir com a tabelinha e camisinha. Assim nos amamos por meses até que um dia, a camisinha estourou! Rimos e seguimos no nosso amor com outra camisinha.

Os óvulos aos dezesseis e os espermatozoides aos dezessete têm uma força extra.

Um mês depois, estava grávida! Fiquei feliz! Meu sonho se realizando!!!! Ser mãe! Faltava casar!

Waldekson estava feliz também.

Marcamos o dia e juntamos os dois casais na casa dos meus pais. Dissemos que era para contar uma novidade! Mi-

nha casa foi escolhida porque achamos que assim receberiam melhor a novidade. Os pais dele sempre quiseram mais filhos e só tiveram o Wal.

Os dois casais aguardavam nossa novidade na sala de estar. Fomos rápidos na divulgação das notícias!

– Grávida???!!!! – meus pais falaram ao mesmo tempo, entreolhando-se e já pensando em uma solução.

A minha vontade era dizer que isso tinha acontecido porque minha mãe fuçava em toda a minha vida e eu não pude tomar pílula! Segurei firme e preferi ouvir a reação de meus futuros sogros.

– Casam semana que vem, certo? E moram aqui em casa, sim? – disse com toda a calma meu pai.

E assim foi. Gregório nasceu nove meses depois, lindo e forte. Terminei o Ensino Médio e cuidei de Gregório, que logo foi para a educação infantil. Wal começou a Faculdade de Administração e eu de Letras. Ele começou a estagiar na firma do tio na área de contabilidade. E eu comecei a lecionar como auxiliar de professora em uma escola bilíngue. Com isso, Gregório logo foi estudar nessa escola porque ganhou uma bolsa parcial. Me formei, tornei-me professora e Gregório ganhou bolsa integral. Nesse percurso nasceu Mirella. Ela está na mesma escola. Wal é contador e segue na firma do tio.

A minha avó emprestou um sobradinho dela para nós morarmos. Começamos a comprar a casa há dois meses. A ideia é pagar minha avó em dez anos com o valor corrigido pela poupança.

DE LUTO NO CASAMENTO

Minha mãe fugiu com meu pai quando ela tinha treze anos e ele quatorze! Ambos deixaram um bilhete em cada casa e caíram no mundo!

Como pareciam mais velhos do que eram, conseguiram uma carona na boleia de um caminhão que levava soja para a capital, São Paulo. Seriam horas de viagem. Não poderiam perder qualquer segundo.

Ao pararem em um posto de gasolina para o caminhoneiro descansar, eles deixam um outro bilhete, desta vez agradecendo a carona, e seguem viagem até São Paulo, na cabine de outro caminhão. Dormem o sono dos fugitivos cansados.

Esse segundo caminhoneiro para em outro posto para ir ao banheiro e o casal faz o mesmo. Minha mãe vê uma plaquinha anunciando que buscam um casal de caseiros para uma fazenda nas redondezas de Américo Brasiliense. Imediatamente faz uma ligação a cobrar do orelhão do posto e são contratados.

O dono da fazenda vem buscá-los no posto na Rodovia Anhanguera, em uma camionete grande e luxuosa. Os dois entram no carro. O dono da fazenda pergunta.

– Vocês têm quantos anos?

Minha mãe informou com voz firme:

– Eu, 18 e ele, 19.

– Têm experiência?

– Sim! Sempre cuidei de casa – respondeu minha mãe. E meu marido cuida muito bem de piscina e jardim. Na casa dele tinha isso e, de fato, era isso que ele sabia fazer.

– Pago o salário e dou casa e comida.

– Fechado! – disse minha mãe, apertando a mão de seu primeiro patrão.

Durante onze anos, meus pais viveram nessa fazenda sem dar qualquer sinal de vida para meus avós, que eu nem sabia que existiam, porque me diziam que já haviam morrido.

Nesses onze anos minha mãe teve quatro filhas. Eu sou a mais velha.

Um dia, minha mãe levanta e vê um bilhete de meu pai na mesa: “Fui embora para não voltar mais”.

Quando eu chego na cozinha, na altura dos meus onze anos, coloco minha mãe em meu colo. Pela primeira vez, ela me conta toda a história. Toda, todinha. Ela estava com vinte e cinco anos. Tão linda! Esbelta, esguia, com olhos castanhos, com os traços indígenas de suas origens maternas mesclados com os ares franceses de seu lado paterno.

Levanto-a e digo:

– Não precisamos de homem! Somos cinco mulheres e seguiremos a vida!

Comunicamos ao dono da fazenda o ocorrido! Ele nos apoia e seguimos nossa vida ali.

Depois de um ano, o dono da venda da cidadezinha perto da fazenda pede minha mãe em casamento. Ela aceita e é para mudar para a cidade! Minha mãe iria cuidar da venda e nós iríamos com ela.

Meu espanto foi enorme. Primeiro, ganhar um padrasto. Depois, mudar da fazenda. Em seguida, sair dos cuidados do dono da fazenda que sempre nos ajudou muito. Me revoltei e comecei a brigar com minha mãe.

– Um dia você entenderá, minha filha! – disse minha mãe para mim.

O dia do casamento chegou e todas nós havíamos ganho vestidos floridos novos. Vesti o meu e levei um outro na bolsa escondido.

Seríamos as damas de honra. Na hora de entrar na igreja, mesmo indecisa, tomei a decisão que tinha pensado. Eu sabia que casório era chique. O dono da venda tinha dinheiro e organizou tudo muito bem! Mas não hesitei! Tirei meu outro vestido da bolsa, me troquei e logo entrei na igreja para não dar tempo de alguém me segurar.

Entrei de preto. Um vestido longo horrível e preto. Minhas irmãs atrás, lindas e floridas, e eu na frente, de preto.

Minha mãe, maravilhosa, não percebeu porque ela estava mais atrás.

Segui me achando arrasando na igreja. Eu estava com raiva do meu pai ter abandonado minha mãe. Estava com ciúmes da minha mãe, por arranjar um marido novo e bem melhor do que meu pai biológico. Estava com medo de deixar a fazenda. Estava receosa da vida nova que eu teria.

Queria mostrar para todos que eu desaprovava aquele casamento.

O efeito foi o contrário. A cara de desaprovação foi total de todos os presentes e fiquei envergonhada. Queria me trocar ali mesmo no corredor da igreja. Queria fugir. Me enterrar viva!

Minha mãe entrou na igreja com o dono da fazenda, que a levaria até o altar. Quando ela me viu, a igreja parou para esperar sua reação.

Ela pede para a música parar e me chama.



Eu vou até ela em prantos. Peço desculpas. Ela pergunta onde está meu vestido com muita calma. Eu mostro que havia jogado no lixo fora da igreja. Ela pede para a esposa do dono da fazenda pegá-lo. Ela me leva para fora da igreja e me troco logo ali.

Corro para dentro da igreja com o vestido florido e me uno às minhas irmãs. Seguimos agora as quatro juntas. A música volta a tocar. Sigo meu caminho feliz e arrependida. Minha mãe se casa!

Na hora de cortar o bolo, tenho uma outra crise e tenho vontade de amassar o bolo. A raiva toma conta de mim, e quando estou prestes para fazer o que queria, o dono da fazenda que estava de olho em mim, segura minha mão e me diz:

– Deixe sua mãe ser feliz! Se não está contente, sente ali no fundo do salão e fique quieta. Esse momento é dela!

Fui para o fundo do salão e saí de fininho da festa para minha casa nova. Meus pensamentos estavam confusos. Estava triste, frustrada e, ao mesmo tempo, feliz por ver minha mãe feliz, mas não queria assumir isso.

Virei piada na família. Qualquer coisa, quando fico brava, me dizem: – Põe o vestido preto!

Minha mãe segue casada há outros onze anos. Pedi perdão muitas vezes. E ela, serena e guerreira como sempre, me responde constantemente:

– Tudo se ajeita, minha filha!

SOBROU NA OVERDOSE DO TRABALHO EM GRUPO

Ela estava p.! Seu namorado e colega de classe havia abandonado todo o grupo de trabalho para ir para um sítio com os amigos.

O trabalho era para ser entregue na segunda-feira. Era sexta-feira e ele enviara uma mensagem de áudio para ela, comunicando que ela se virasse e colocasse o nome dele no trabalho.

Desnorteada, chama todo o grupo para a casa dela. Era um grupo só de meninos de quinze anos. A idade dela também. Ela só entrou nesse grupo porque era o grupo do namorado.

Os meninos topam e chegam à casa dela no sábado à tarde. Seus pais haviam viajado e sabiam que o trabalho iria ser feito lá. Eles deixaram comida pronta e refrigerantes na geladeira.

Os meninos chegam e não entendem a cena.

Ela de minissaia e top, já alcoolizada. Havia tomado vodca do pai. Eram 15h. Ela começa a dançar ao som de um pancadão que tinha baixado. Ela tira várias selfs. Os meninos se exaltam e dos quatro, três entram na armadilha e bebem também. Ficam todos bêbados. Um deles, Odonis, tenta parar o que está acontecendo quando percebe que a menina, a dona da casa desmaia e que há vômito saindo de sua boca.

Ele a leva para o banheiro e dá um banho frio nela. Os outros amigos estão deitados no sofá completamente bêbados. São 16h.

Depois de muito vomitar no banheiro, ela retoma a si mesma. Odonis percebe que ela não morreu e a coloca na cama com outra roupa.

A roupa suja, ele coloca na máquina de lavar roupa, bem como ajeita toda a sala. Ela dorme e Odonis decide ir embora com seus amigos.

Mas nenhum dos três tem condições de ir embora. Ele chama um amigo que tem carro. O amigo vem e leva todos. Pegam a comida e os refrigerantes para fingir que tinham feito o trabalho.

No meio do caminho, um carro de polícia para ao lado do carro do amigo e percebe que tem três desmaiados no banco de trás.

O carro é parado e o motorista e o amigo, que procurou fazer o máximo para arrumar o que houve, estão encrencados. Todos são levados para a delegacia de polícia! Os pais dos cinco aparecem nervosíssimos com seus advogados. O pobre do motorista é o único maior e sobra tudo para ele por alguns instantes, até Odonis conseguir explicar o que de fato aconteceu.

Os pais da menina são chamados na delegacia também. A filha não está. Os policiais vão até a casa dela para verificar os fatos e a encontram na cama ainda desmaiada. Na verdade, ela está em coma e é levada ao hospital às pressas.

No final, todos soltos e a menina se recupera no hospital.

Segunda-feira, dia de apresentar o trabalho. Não tinha trabalho para apresentar em grupo. Odonis apresentou o dele e não comentou nada.

O namorado da menina ficou p. com todos e deixou de ter amizade com Odonis e os demais.

A menina, quando se recuperou, dias depois, terminou com o namorado e pediu desculpas a Odonis. Ela apresentou seu trabalho atrasado junto com os outros três meninos do grupo.

DEGRAUS DE LÁGRIMAS

Hora do intervalo. Que pânico. Os alunos do ensino médio todos juntos. Três amigas e eu procurando um local para descansar e tomar nosso lanche, que era humilde perto dos outros comprados na lanchonete. O meu era de pão francês com mel.

Riam de nós por tudo e nos chamavam de tudo também. A mim, me chamavam de magricela, pobre, bonita demais, cdf, paqueta, e bonequinha bolsista filha de professora.



Que raiva! Por sorte, éramos quatro amigas assim na classe. Nos encontrávamos na escada e ali ficávamos. Muitas vezes, compartilhávamos nossa exclusão chorando nos degraus da escola. Ficávamos ali até o sinal tocar. Éramos as primeiras a entrar na sala de aula. Que alívio! Primeira fileira, as quatro juntas!

Que quarteto!!!! Juntas nos formamos bem, boletins lindos! Entramos na faculdade na primeira chamada! Comemoramos ser calouras no shopping, comendo hambúrguer. Sentamos na escada do shopping e tiramos uma foto. Choramos, claro! Mas lágrimas de felicidade! Nos demos abraços fortes e gostosos de conquista!

SÓ SE O LENÇO VIER COM SEU PERFUME

Para acalmar minha alma, estava na igreja, na missa de sábado logo cedo. Normalmente, eu ia à missa das onze. Mas naquele sábado, estava na igreja para a missa das sete.

Choro e choro; e seco minhas lágrimas nas mangas de minha camisa.

Um rapaz mais velho senta ao meu lado. Eu o reconheço. Ele é do nosso grupo de jovens da igreja. Mas eu nunca tinha conversado com ele.

– Quer esse lenço? – ele me pergunta, me entregando um lenço de algodão bem passado.

– Preciso devolver? – digo, sabendo que o lenço ficaria em situação lastimável em poucos segundos.

– Só se o lenço vier com seu perfume – ele me diz com sua voz calma.

Olho para seu rosto e vejo dois olhos azuis cor do céu. Um sorriso sereno que acalma minha alma. Ele seca minhas lágrimas com suas mãos cálidas e abraça-me para meu coração entrar no ritmo da vida.

Seguimos juntos na missa e minha alma parece encontrar a alma de meu novo amigo em transmissão de pensamentos.

No final da missa ele me convida para o passeio de domingo do grupo de jovens. Aceito.

No domingo, saímos cedo: um grupo de dezoito jovens entre dezesseis e vinte e três anos.

Desço do ônibus fretado apoiada nas mãos daquele meu novo amigo que, agora, eu chamo pelo nome: Artur!

Conectados desde a missa de sábado, caminhamos de mãos dadas para a primeira parte de nosso passeio. Andar de bicicleta! Uma bicicleta para duas pessoas! Quase caímos! Mas conseguimos pedalar juntos e rodeamos o parque.

– Por que você chorava ontem? – ele me pergunta intrigado.

– Fui traída pelo meu namorado – respondo já não sentindo a menor dor.

– Que sorte! – Artur me diz, sorrindo para mim.

– Sorte ser traída? – intrigada pergunto.

– Sorte você não ter namorado.

E, com um ar de satisfação, Artur me convida para andar de pedalinho no lago do parque.

Pedalamos bastante e ele me conta que havia recém perdido sua irmã e o quanto era difícil para ele ir bem na faculdade porque as matérias eram muito difíceis.

Achei o Artur tão inteligente! E ele ia logo se formar!

Conversamos sobre nossos sonhos! Tanto em comum!

– Quer tomar sorvete lá em cima? Vamos ver quem chega primeiro lá no quiosque? – E ele corre a ladeira do parque acima.

Corro meu máximo para alcançá-lo e o passo. Na verdade, ele me deixou passar.

Chegamos ao quiosque do mirante do parque e pedimos nossos sorvetes. Um lambe-lambe rápido porque estava calor e o sorvete de bola derretia rápido.

Nossos corpos foram se aproximando, e nossas bocas também. Estávamos felizes e parecia que nos conhecíamos há anos!

Tão gostoso! Nos olhamos, nossos rostos tão pertinho!
Demos um beijo melado com gosto de sorvete de chocolate!

Quando nossos lábios se descolaram, todos os nossos amigos do encontro de jovens estavam ao nosso redor aplaudindo nosso beijo longo e romântico. Eles tiraram uma foto, que carrego comigo até hoje, trinta e dois anos depois!

VOCÊ VAI PARA NÃO VOLTAR

É noite alta. Todos em casa dormimos. Meu pai, meu herói, meu ídolo, meu amor, meu futuro, com minha mãe, minha guerreira, minha querida, meu amor. O quarto deles é o da frente do nosso sobradinho. Tem um terracinho para a rua. O meu quarto dá para o quintal e dele vejo o sol e a lua nascerem.

O telefone toca às duas horas da madrugada. Minha mãe levanta, coloca seu penhoar, calça seus chinelos e comenta:

– Alguém morreu! Quem liga a essa hora é para contar desgraça! – já muito preocupada ela atende o telefone.

Eu acordo e fico escutando da minha cama.

– Alô? – com a voz tensa, ela atende o telefone.

Uma voz feminina aflita solicita:

– O Domênico, por favor, Dona Lucinha?

– Quem quer falar com ele? Não reconheço sua voz – estranhando ter sido chamada de Dona Lucinha e não reconhecer a voz.

– Dona Lucinha, chama o Domênico rápido. É caso de vida ou morte. Só ele pode salvar a filha dele – explica a mulher do outro lado.

– A filha dele está dormindo aqui em casa. Que tipo de brincadeira sem graça é essa? Quem é você? – com certa suspeita e rememorando sua vida conjugal toda, questiona Dona Lucinha.

– A filha dele sim! Ele tem uma filha comigo que acabou de sofrer um acidente e está no hospital. Ela é como o pai. O sangue é O-. E precisa do pai para doar sangue para ela – desesperada a mulher suplica do outro lado.

– Filha dele? Ele tem uma filha com você? O meu marido? O Domênico? Qual é seu nome, moça? – estarecida, Dona Lucinha até senta na banqueta ao lado do telefone para aguentar a dor que começa a sentir.

Do meu quarto ouço tudo e sento na cama, pensando que aquilo não poderia ser verdade. Meu pai com outra filha? Eu com uma meia irmã? Meu pai com outra mulher? Meu mundo começa a desmoronar e me agarro ao meu lençol.

Domênico pula da cama e vem ao telefone.

– Passa esse telefone aqui, Lucinha. Eu falo com a Francikelly – como quem já sabia de tudo.

– Francikelly, Domênico!!! Que cafajeste é você? Quem é essa Francikelly? E uma filha? Isso é verdade? – já sabendo que era verdade por conhecer o marido há dezesseis anos e saber quando ele fala sério.

– É, Lucinha. Tenho uma outra família. Minha filha tem dez anos. Passa esse telefone aqui. O que aconteceu com minha filha? – com total preocupação com a filha, com a outra filha, meu pai pega o telefone.

Na minha cama, pareço diminuir de tamanho. Sinto na voz do meu pai o amor dele pela outra filha e pela outra mulher.

– Onde está minha filha, Kelly? – pergunta meu pai em um tom de velho conhecido da outra mulher.

– No Hospital das Clínicas. Venha para cá já porque ela precisa de seu sangue – implora Francikelly.

– Estou indo já – comunica Domênico.

Dona Lucinha pega o telefone e fala:

– Arrume sua casa aí porque depois de doar sangue é para a sua casa que ele vai. Ele vai e não volta mais – com toda a sua força, Dona Lucinha imposta sua voz e comunica a tal de Kelly olhando para seu marido.

“Meu pai vai embora para nunca mais voltar?”, pensei comigo mesma já me sentindo uma pulguinha na minha cama, prestes a ser amassada por um tapão. “Meu pai querido, amado, saindo de casa para a outra família dele? Como assim? Uma irmã de dez anos? Meu pai trai minha mãe há quantos anos?”, indaguei tentando buscar alguma pista nos meus onze anos de contato com meu herói, meu pai amado.

Dona Lucinha arruma as roupas de Domênico em uma sacola e o acompanha até a porta. Os dois trocam insultos dos mais baixos possíveis. A vizinhança acorda com a gritaria e xingação.

– Vai de ônibus, Domênico. Desta casa você não leva nada. O carro eu comprei com meu dinheiro do salário de costureira – com orgulho no peito, ela expulsa o marido de sua casa, que ela havia herdado de seu pai.

– Não tem ônibus a essa hora, Lucinha – com cara de piedade, pede Domênico.

– Se vira, vagabundo! – batendo a porta na cara do Domênico, Lucinha sobe as escadas e vem ao meu quarto. Ela sabia que eu estava acordada.

Um vizinho dá carona para meu pai, que vai embora.

Nós duas nos abraçamos muito e choramos juntas. Não falamos nada. Entendemos tudo no encontro de nossas lágrimas. Ela perdia um esposo e eu perdia meu pai. Que tristeza profunda caía sobre nós. Ela dormiu em minha cama.

Duas semanas se passaram sem notícias de meu pai. Minha mãe seguiu com suas costuras e eu com meus estudos. Eu queria logo ficar gente grande e sair dali.

Na terceira semana, meu pai volta e entra em casa quando nós duas estamos jantando e assistindo à novela.

Ele olha para minha mãe, pedindo perdão. Ele não fala nada e sobe para o quarto.

Minha mãe também não fala nada. Eu também não. É um silêncio pleno de vozes conflituosas que invade a casa. Ela sobe para o quarto. Não ouço nada, apesar de ficar com o ouvido grudado na porta do quarto deles.

“Minha mãe vai receber de volta meu pai que tem outra família?”, eu não podia acreditar naquilo.

Ela o recebeu e nunca tocaram no assunto. Para me proteger, me reinvento. Busco nova forma de viver e enxergo naqueles dois seus desamores, suas diferenças e percebo que meus pais não são o casal que eu achava que eram. Eles seguem juntos. Eu sigo morando com eles e nunca mais fomos a mesma família. Do terraço do meu quarto sigo vendo o sol e a lua nascerem. Peço que eles me iluminem para achar um amor em que eu confie e que eu possa ter amigos em quem eu também possa confiar.

É A POLÍCIA!

– É a Polícia! Abra a porta! – uma voz grave, firme e assertiva solicita dando uma ordem para alguém na minha casa abrir a porta da nossa casa.

São três horas da madrugada e eu, com dez anos, estou acordada dando mamadeira para minha irmã de um ano, que estava em meu colo.

Vou até a porta e digo:

– Eu vou passar a chave para o senhor, porque eu não tenho altura para abrir a porta, que tem uma fechadura muito alta.

E me encaminho para a janela da sala, que estava entreaberta para a brisa do mar refrescar o ar da casa. Moramos em uma cidade no litoral norte de São Paulo.

O policial pega a chave, olhando para dentro e vendo a cena que eu via todos os dias. Minha mãe espumando algo branco da boca e desmaiada no sofá. Meu pai, revirando os olhos e completamente fora de si.

– Abre devagar para não fazer barulho. Eles me batem quando acordam quando estão assim. Mostrei meus hematomas no rosto, no braço e na perna para o policial, estarrecido do lado de fora.

Ele abre a porta cautelosamente e entra com mais dois policiais.

– Tem mais algum adulto aqui? – ele me pergunta espantado com a sujeira da sala.

Havia dinheiro sobre a mesa, seringa, um pó branco sobre um espelhinho e vários pacotinhos de pó branco sobre a mesa de jantar.

– Eu! – respondo com meus dez anos, mas sabendo que já tinha mais de vinte, na verdade. Eu cuidava da casa, praticamente. E ainda dava conta da escola, que começava às sete horas da manhã, quando eu deixava minha irmã com meus pais, na esperança deles acordarem melhor, o que acontecia.

Os outros dois policiais vasculham a casa e querem saber onde meu pai guarda a droga. Eles me perguntam.

Eu já não aguentava mais a minha vida e a vida da minha irmã. Para mim aqueles três policiais nos salvariam a nós duas.

Mostro a televisão antiga de tubo que fica no canto da sala. Os dois policiais abrem a carcaça da televisão e encontram mais de duzentos pacotes de cocaína. Tiram fotos e levam tudo para o carro.

– Tem mais? O primeiro policial me pergunta.

– Muito mais no colchão da minha mãe – indicando o fétido quarto dela, conto ao policial, que fica enjoado com o cheiro de urina e sujeira do quarto da minha mãe.

– Tem mais? – ele me inquire

– Não que eu saiba – respondo, pegando minha irmã no colo.

Enquanto os policiais levam a televisão, o colchão da minha mãe para o carro da polícia, meus pais continuam apagados.

– O senhor pode ligar para minha avó vir buscar a gente? – peço ao primeiro policial.

– Ligarei sim, mas não daqui. Levarei vocês para o Conselho Tutelar e ela vai buscar vocês lá. Dará tudo certo – com uma voz que me dá paz, ele me explica.

– Você quer pegar algumas roupas e brinquedos para você e sua irmã? – ele me pergunta calmamente.

– O senhor pode pegar aquela malinha cor de rosa ali em cima para eu colocar as roupas dentro, por favor? – solicito ao policial.

Quando ela pega a minha mala, sente-a pesada. Quando abrimos, mais pacotes de cocaína dentro.

– Pôxa! Até dentro da minha mala, meu pai guardava droga? – totalmente desapontada, eu digo com a mais profunda desilusão.

– Pegue suas roupas que precisamos sair daqui urgente. Seus pais sairão também. Eles vão para a Delegacia de Polícia conosco.

– Meu pai não era assim. Ele virou assim por causa da minha mãe.

– Não se preocupe com isso. Está pronta?

– Sim, respondo com minha irmã em meu colo.

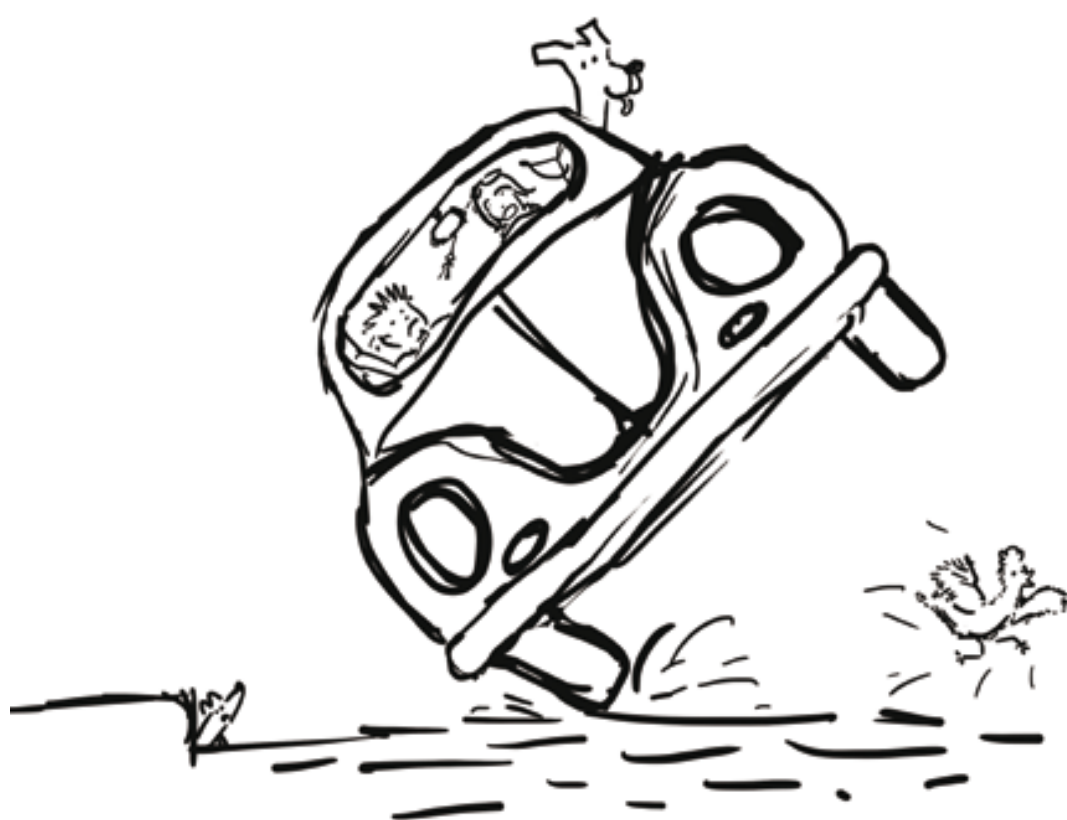
– Qual é seu nome? – ele me pergunta com um sorriso sereno.

– Jasmim e minha irmã, Magnólia. Meu pai escolheu nomes de flores para nós.

E assim saímos de casa. Peço para ele trancar a porta e me entregar as chaves para minha avó poder entrar quando chegasse. Minha mãe não deixava ela vir em casa.

Meus pais foram presos e continuam presos por tráfico de drogas. Cada um em um presídio. Eles forneciam drogas para pequenos traficantes do litoral norte todo.

Minha irmã e eu moramos agora com minha avó em São Paulo. Estudo bastante. E participo de tudo na escola, o que me deixa feliz! Minha irmã está em uma creche pública. Ela tem alguns pequenos espasmos nervosos, que estão sendo tratados. São resquícios do tempo que minha mãe a amamentava drogada. Não sei quando meus pais sairão da prisão. Sei que demorará bastante. Estamos bem e seguras com minha avó.



AZEITONA FAZ A CURVA

Desde os quinze anos eu economizo para comprar meu primeiro carro. Completo dezoito e vou com meu pai até a loja de carros usados na Boca, perto de Santa Cecília, no centro de São Paulo.

Saio da loja com um Fusca Verde, 1978. Lustrado, lavadinho, uma beleza.

A carta não tirei porque era uma época em que se comprava a habilitação.

Entro no carro, e vou para casa com meu pai no banco do passageiro. Da Boca até em casa, foi fácil chegar porque era subida até a Rua Homem de Melo com Rua Cardoso de Almeida, em Perdizes. O carro subiu bem.

Ao chegar em casa, dou três buzinadinhas e minha mãe e minha tia, que morava conosco, entram no carro e saímos para passear.

Quando estamos todos no carro, um vizinho grita:

– Olha a azeitona!!!! Bonito carro, Clauciclei! É uma azeitona com quatro rodas!

– Que infeliz invejoso! – pensei com meus botões.

Acelerei de raiva e peguei a Rua Bartira. Iríamos até o Parque Antártica comprar entradas para o jogo entre Palmeiras e Botafogo que haveria no domingo seguinte.

A Rua Bartira é uma descida violenta! Um ladeirão sem fim! Com toda a minha prática na direção, acelero o carro e começamos a descer ladeira abaixo.

Percebo que os freios não dão conta e comunico à família que o carro está sem freios. Os gritos são altos e meu pai pede para eu reduzir a marcha na tentativa de parar o carro.

A Avenida Sumaré se aproxima e por sorte o farol abre. Eu viro a direção para a direita na tentativa de fazer a curva.

O azeitona, mesmo em alta velocidade faz a curva, mas em duas rodas!!!! As duas rodas esquerdas aguentam firme no chão, enquanto que as duas direitas estão no ar.

Pedestres na calçada gritam:

– A azeitona vai capotar!!!!

Meu pai pede a todos que joguem o corpo para a direita. Ele praticamente coloca o corpo para fora. Minha mãe sobe no colo de minha tia e eu também pulo no colo de meu pai.

O fusca finalmente coloca as quatro rodas no chão, mas está sem motorista! Meu pai consegue puxar o freio de mão e paramos porque o azeitona encontrou a guia: bateu, raspou os pneus direitos e parou.

Com o impacto, as duas rodas direitas estouraram.

Descemos do carro todos bem, mas assustadíssimos!

Um pedestre comemora e recomenda:

– O azeitona aguentou firme!!!! Vai tirar carta, seu doido!

TÓQUIO TAMBÉM QUER IR PARA A ESCOLA

Tóquio chegou em casa no bolso do paletó de meu irmão. Quando minha mãe vê...

– Menino, o que é isso aí molhado no seu bolso? – com um ar de perplexidade e algumas rugas na testa, suspeitando que daquele bolso ia sair algo para ficar, pergunta minha mãe usando um avental porque ela preparava o almoço.

– Nasceu há duas semanas, minha mãe. E Percecílio tinha que dar fim nos filhotes porque o pai dele não quer mais cachorro em casa. Só a Estrela: é a cadela da casa.

– Tire-o do bolso, meu filho. Sei ser mãe – afagando o filhote em suas mãos e indo para a cozinha buscar leite. Já estava apaixonada, minha mãezinha.

“Que bom!”, pensei comigo mesmo. Minha irmã gêmea também ficou feliz. Muito feliz! Sempre quisemos um cachorro.

– A Estrela de Sidcrei é uma labradora, né mesmo? Lembro dela. Dourada! Tão linda. Qual é a raça do pai dele? – indagou minha mãe dando leite ao filhote em um chumaço de algodão.

– Tem um mistério aí, minha mãe. Não se sabe bem quem é o pai. O dono dos cachorros sabe-se quem é. É o japonês vizinho de Percecílio. O que houve é que Estrela entrou no cio e os cinco cachorros do Japonês pularam a mureta do quintal e foi uma noite inesquecível para Estrela – expliquei, procurando mostrar que aquilo de ter pai meio desconhecido estava tudo bem.

– Pois o nome dele será Tóquio. A capital do Japão. O que acham? – com um sorriso enorme no rosto, tirando umas re-

vistas de um cesto de palha, colocando uma manta quentinha dentro e ajeitando Tóquio em sua casa nova, indagou minha mãe.

Minha irmã e eu só éramos felicidade. Cuidamos de Tóquio, que cresceu, cresceu e cresceu mais um pouco. Pelo tamanho, chegamos à conclusão de que o pai dele era o Titã, um Fila Brasileiro, cor de areia do nordeste, creme clara. Era o maior cachorro do vizinho Japonês.

Como mudamos de escola e agora estamos no ensino médio, vamos para a escola de ônibus. Na primeira ida para a escola, minha mãe nos acompanhou até a parada de ônibus levando o Titã.

O ônibus chegou, a porta abriu e minha irmã e eu entramos no ônibus. Tóquio não teve dúvidas. Entrou também fugindo da coleira. Deu um salto, entrou e sentou no primeiro banco livre que encontrou. Foi aquela gritaria dentro do ônibus, que não largou. O motorista e o cobrador pediram providências para nós. Tóquio, tranquilo como sempre, achando que ia passear. Tínhamos o costume de levá-lo para todos os cantos no carro da família. E ele é um cachorro manso. Por sorte.

Minha mãe entrou no ônibus com a coleira e minha irmã e eu descemos também para o Tóquio descer. Pedimos ao motorista que esperasse por nós.

Tóquio ficou preso na coleira e minha mãe agarrada firme nela, para dar conta de segurá-lo.

O ônibus partiu e Tóquio se jogou no chão da calçada, de tristeza, vendo o ônibus ir sem ele.

– Não fique triste, Tóquio, eles só foram para a escola. Mais tarde a gente volta na outra parada ali do outro lado da rua para esperá-los, tá bem? – afagando o dorso do Tóquio, informou minha mãe, o animando, e ergueu-se para voltarem para casa.

Tóquio olha para ela com um cara de: “Tóquio também quer ir para a escola!”.

ADOLESCER É ADOECER?

Devido ao trabalho de meu pai, a mudança a cada três anos era uma constante para mim, que nunca constituí raízes profundas em qualquer lugar.

Nessa mudança, estranhei tudo, muito embora estivesse indo para a cidade de minha vó, no Sertão de Pernambuco. Era uma cidade que eu conhecia de passar férias e sempre que eu chegava escutava: "É a paulista linda que veio passar férias aqui no fim do mundo".

Para meu pai foi ótimo ir para lá porque o pacote financeiro nos ajudaria a comprar um apartamento maior em São Paulo, cidade na qual sempre mantivemos uma base porque a cada três anos, meu pai voltava por mais dois anos. De alguma forma os números dois e três ganharam novos sentidos para mim.

Fomos de carro para a cidade nova. Meu pai e minha mãe dirigindo, e eu no banco de trás. De São Paulo até lá, foram três dias inteiros.

Chegamos e minha avó nos esperava com a ceia pronta na nossa casa nova, que estava toda arrumada. Sempre alugamos casa mobiliada. E alugamos a casa da minha avó. Para ela também foi um ótimo negócio.

A casa sempre achei maravilhosa. Ampla, ventilada, com árvores frutíferas para chamar passarinho, plantadas por cada filho e por cada neto. Eu já plantei uma amoreira e uma jabuticabeira! Há também horta, galinha solta e muitas outras árvores naquela casa-sítio em um terreno de 2.000 m² a duas

quadras de onde meu pai ia trabalhar e a três quadras da minha nova escola.

Catorze anos, chegando na melhor escola da cidade, com todo mundo me olhando na minha farda nova. Como a escola é militar, eu me senti a própria soldada indo estudar. Como tenho um pouco de sobrepeso e sempre procurei vestir roupas soltas, a farda, mesmo sendo saia, mais a blusa ajustada ao corpo, salientavam minhas gostosuras.

E como o cabelo precisava ficar preso, de repente precisei prender minhas madeixas lisas, castanhas, quase na cintura, em um coque enorme.

Não aguentei aquilo. Fui motivo de chacota no primeiro dia. Todo mundo em suas turmas e eu sem nenhuma turma. Fiquei desorientada e, ao voltar para casa, me escondi no quarto e desatei a escrever minha dor na parede de meu quarto. Resolvi que não iria mais para a escola e que a minha turma seria eu comigo e eu mesma.

Não saí do quarto por três dias. Minha mãe passava a comida pela vitrô do banheiro. Era uma casa térrea. Meu pai sem saber o que fazer. Minha avó queria arrombar a porta. Meu avô pediu para esperarem até eu me achar. Todos passavam pela porta, davam uma batidinha na porta e diziam: “Saia para a vida nova, minha filha. Encare a nova turma com toda a sua força. Você é poderosa! Logo se enturma. “

Veio a diretora da escola, as professoras apareceram e uma psicóloga da escola também veio. Todos falaram comigo do lado de fora do vitrô. E eu no meu casulo, sem querer enfrentar a minha nova realidade. De tristeza e fraqueza adoeci e vi que iria desmaiar. Abri a porta do quarto e desmaiei. Acordei no hospital da cidade, no qual fiquei por dois dias.

Voltei para casa com meu avô. Conversamos bastante e, com ele, decidi que iria para a escola no dia seguinte, bem como começaria um tratamento psicológico.

Minha avó fez ajustes na minha saia enquanto eu estava no hospital, bem como fez uma nova camisa para eu usar. Bem parecida com a original, mas uma pouco mais soltinha. Minha mãe penteou meu cabelo e fez uma trança maravilhosa, que era permitida e eu nem sabia.

Na sala, todos apontavam para mim e diziam que eu era doente. Não reagi. Criei rolhas imaginárias nos meus ouvidos até que, pouco a pouco, fui me enturmando com apoio de meus primos que estudavam na mesma escola. Comecei a ir a festas e nelas descobriram que eu cantava muito bem. E canto mesmo. Com o som da minha voz entrei no coral da escola e lá encontrei a minha turma.

Sou mais forte hoje, sabendo que turma a gente acha com o tempo, que dói, mas faz parte. E faz parte também eu mostrar quem sou; com o tempo, para as pessoas me conhecerem e eu poder pertencer. Se eu não me abrir, não deixo o outro entrar. Sem convidar para entrar, não tem pertencer.

VAI TRABALHAR!

Para minha mãe, eu sempre fui um encosto que não trazia dinheiro para casa e só gastava comendo e indo para a escola.

Era meu aniversário de treze anos e eu já havia ido para a escola sem qualquer comemoração da minha mãe no café da manhã. Ela serviu o café preto, com uma fatia de cuscuz como fazia todos os dias. Eu queria tanto um abraço dela. Nada. Cara fechada, como todas as manhãs.

Na hora do almoço, quando cheguei da escola, ela serviu arroz, feijão, carne de sol e farinha sem dar qualquer parabéns para mim. Sequer olhou em meus olhos. Eu queria muito um olhar de amor dela.

Quando ela trouxe a gelatina de sobremesa, ela me puxou da mesa pelo braço, me levantou, me chacoalhou e berrou cuspidando saliva entre os espaços dos dentes que ela não tinha:

– Vai trabalhar, Dona Moça de Treze Anos!!!! Na sua idade eu sustentava meus irmãos! Já para a rua buscar emprego! De hoje em diante você só come aqui trabalhando – me enxotando de casa, minha mãe bateu a porta em minha cara.

Eu olhei para a porta, para mim e chorei em silêncio sabendo que aquela porta não se abriria se eu não achasse emprego. Pensei em trabalhar no trem! Vejo tanta gente vendendo coisas no trem! Mas comprar com que dinheiro? O jeito era buscar emprego no bairro.

Olhei para mim novamente, ainda de uniforme e pensei no que poderia trabalhar. Caminhei o bairro todo atrás de qualquer

trabalho. Fui de comércio em comércio perguntando se havia lugar para mim e que eu precisava trabalhar para poder comer e voltar para casa.

Depois de caminhar a tarde toda, já muito cansada de ouvir tantos “nãos” e pessoas me dizendo que lugar de criança era na escola, uma senhora costureira, Dona Dalva, concorrente da minha mãe, me disse que havia uma vaga na fábrica na qual ela trabalhava e me convidou para ir lá com ela. Era turno do final da tarde e noite.

Dona Dalva me ofereceu um café com uma fatia de bolo de fubá e fui com ela para a fábrica, que ficava a duas quadras dali.

O chefe olhou para mim e perguntou:

– Pode começar hoje? O turno é das 17h às 23h.

Aceitei e comecei a trabalhar naquele dia, ainda de uniforme da escola. Costurei barras e barras por um ano inteiro. Ganhava meio salário mínimo, ticket refeição, lanche de entrada, uma sopa forte às 20h e um leite com pão e manteiga na hora da saída. Tomei muita chuva, passei frio, tive sono, fiquei cansada, adoeci de cansaço, melhorei, me senti explorada, mas procurava enxergar tudo com olhos de que estava tudo bem. Eu tinha até comprado uma sombrinha e uma bolsa como a de minha mãe! E era como minha mãe: costureira. Estava, no fundo, feliz em ser trabalhadora e poder comer e viver na casa da minha mãe. Com minha mãe.

Chegava em casa às 23h40. Dormia e estava na escola às 7h com um sorriso. Nos sábados, fazia turno dobrado, manhã e tarde, para ganhar mais. Abri uma caderneta de poupança com ajuda da Dona Dalva, a senhora que me conseguiu o emprego.

Pude passar a ajudar minha mãe, que ficou feliz a partir do meu primeiro salário. Ela ficava com metade dele. Era a única vez no mês que minha mãe sorria para mim e dizia:

– Deixou de ser um encosto! Que bom!

Com o ticket refeição e o restante da outra metade que não ia para a poupança, paguei um curso de informática para mim e, no ano seguinte, com quatorze anos, passei a fazer parte de um programa para jovens trabalhadores. Consegui um emprego de auxiliar de escritório com carteira assinada, seguro saúde, ticket refeição e com uniforme da empresa. Levava marmita feita por minha mãe para economizar. E no escritório, muitos me ajudavam com roupa e comida. Ganhei roupa de inverno, uma capa de chuva muito chique, inglesa, que ia quase até meus pés, galochas, malhas de lã e todos os dias alguém me dava algo para tomar com café com leite. Uma funcionária trazia uma lata de leite em pó. Outra, um suplemento de vitaminas para eu colocar no leite. Outro, chocolate em pó. E alguns outros, biscoitos, às vezes um sanduíche e outros lanches. Comi tudo por dois anos, quando passei a estudar à noite e precisei procurar outro emprego porque o programa para jovens trabalhadores acabara. Eu estava com dezessete anos e consegui um novo emprego como auxiliar de bibliotecária em uma grande escola particular no bairro rico ao lado do nosso. Foi uma vizinha, professora dessa escola, que conseguiu para mim.

Lá, tinha carteira assinada, seguro saúde, almoçava na escola junto com os alunos do período integral. E consegui uma bolsa para terminar o Ensino Médio no EJA: Educação de Jovens Adultos. Estava um pouco atrasada porque eu havia repetido duas vezes. Janto todos os dias na escola. Tão gostoso!!!! Novos amigos! Vida nova!

Me formo neste ano. Quero ser professora! Farei ENEM este ano e conseguirei passar em alguma faculdade. Sigo dando metade de meu salário para minha mãe e deposito mensalmente o que posso na poupança. Guardo minha primeira bolsa comprada. É igual à da minha mãe! E minha sombrinha amigona. Elas fazem parte da minha história e me dão muita sorte.

A CONTRAMÃO DA VIDA

Lindorwana e eu, Egileuda, somos conhecidas como Linda e Gil, a dupla inseparável! Somos tão amigas! Temos eu treze e ela doze, quase treze. Nossa diferença de idade é de dez dias.

– Sou mais velha que você! – eu sempre dizia com certo orgulho no peito por ser mais velha e sentir certa responsabilidade por cuidar de minha amiga amada.

Como sempre fazemos, descemos do ônibus ao voltar da escola. Dizemos tchau ao motorista que nos traz para casa todos os dias. O Senhor Inildo. Ou Senhor Nido, como o chamamos carinhosamente. Tão amigo nosso!!!!

Mesmo ponto, mesmo tudo. Eu sigo na calçada em que desci do ônibus porque minha casa era na mesma calçada.

Escuto a buzina do ônibus ser apertada freneticamente e escuto um barulho seco e as pessoas nas calçadas gritam de desespero.

Volto correndo porque vejo Seu Nido descer do ônibus desesperado, bem como todos do ônibus.

Meu coração apertou e senti que era com Gil. Algo havia acontecido de terrível com Gil.

A cena era tétrica. Gil morta. Atropelada por um carro que ultrapassou o ônibus na contramão e furou o farol do amarelo para o vermelho. Um rapaz de vinte e dois anos pegou a Gil. Uma desgraça. Gil atravessava na faixa, como fazia todos os dias.

O motorista precisou ser escondido em uma papelaria porque queriam linchá-lo ali mesmo.

Seu Nido fecha meus olhos para eu não ver retirarem a Gil de sob o carro.

Eu não sei o que fazer. Não compreendo. Estou congelada. Minha mãe aparece porque soube do acidente e me leva para casa. Estou aqui em lágrimas. Uma sensação de que nada daquilo aconteceu dentro de tudo aquilo que aconteceu.

– Gil é seu anjo da guarda a partir de hoje, meu bem – disse minha mãe, me afagando em seu colo, com seu coração murcho de dor.

O ATRASO QUE MUDOU MINHA VIDA!

Eu fazia aula de inglês com um grande amigo meu! Tobias! Amigos de verdade! Escola, aula de inglês, de informática e de música juntos. Eu e ele com quinze anos. Tudo junto. Na escola nos chamavam de gays, nerds e por aí vai.

Nem ligava. Éramos excelentes alunos. Os professores nos adoravam e estávamos bem do jeito que estávamos.

Até que Tobias precisou mudar de cidade porque o pai dele foi transferido de posição.

De um semestre para o outro fiquei só. Sozinho. Solitário. Sem ninguém. Que depressão. Nada tinha a mesma graça. Queria parar tudo porque virei um zé sozinho nos meus ambientes de vida.

Quis parar tudo. Minha mãe me chamou, olhou bem para mim com seus olhos azuis verdejantes firmes, e disse:

– Eliakim, ouça bem o que vou dizer. Nós não temos carro, empregada, faxineira, pouco saímos para pagar seus estudos. Você entende isso, meu filho? O salário do seu pai paga as contas da casa, do supermercado e seus estudos. Você representa 2/3 do que seu pai ganha. Fazemos isso com muito orgulho porque sabemos que a educação faz muita diferença. Esperamos de você o que você faz: estudar e estudar e estudar! É com o estudo que você irá construir seu futuro, meu filho. Tobias se foi, e logo você terá novos amigos. Quem sabe uma amiga? Você tem catorze anos! Será que não tem alguma menina olhando para você? Olha bem ao seu lado, meu filho! Namorar é tão bom!

Conheci seu pai na sua idade! Namoramos tanto! Vai viver sua vida, Eliakim!!!! Nossa, sua aula de inglês é daqui a pouco. Já para o ponto de ônibus, meu filho!!!! – na maior empolgação serena, me animou minha mãe. Sempre tão linda!

Fui para o ponto meio atrasado e corri para pegar o ônibus que estava passando. Assobieei e o motorista, que sempre me levava para a aula de inglês, me esperou. Não é que o ônibus quebrou!!!!

– Outro passa em dez minutos – disse o Sr. Lourendisei, o motorista do ônibus. Sempre gostei de saber os nomes de todos ao meu redor.

– Eu tenho aula, Sr. Lourendisei! Aula de inglês! – desesperado eu disse!

– Você costuma descer em quatro pontos, né mesmo? Vai correndo que você chega antes do próximo ônibus – Sr. Lourendisei me deu o maior apoio.

Dentro do meu pequeno sobrepeso, apertei o passo e fui trotando até a escola de inglês. Cheguei ensopado de suor, mas cheguei. Bati na porta, pedi licença, expliquei para a teacher os acontecimentos, ela viu que era verdade porque eu nunca mentia e disse para eu entrar.

Havia uma outra pessoa no meu lugar e tive que sentar no fundão. Detesto o fundão. Gosto de estar na cara do professor.

Mas nesse fundão cheguei e fiquei paralisado com quem vi. Uma menina linda, reluzente, alta, mais alta do que eu, esguia, animada, sorridente e simpática.

– Senta aqui, Eliakim – puxando a cadeira para mim, aquela mulher maravilhosa me convida para sentar.

Eu, com vergonha do meu suor, procuro me secar. Ela me passa uns lencinhos umedecidos e me seco.

Não escutei nada da aula de inglês. Só a voz da Viollette. Fizemos exercícios em par e me apaixonei pela primeira vez na vida: pela Viollette. Que mulher!

Convidei-a para ir ao cinema no sábado! Fomos! A mãe dela nos levou e falou que nos pegava na saída.

Entramos no cinema, e logo, milimetricamente, fui me aproximando da Viollette. Eu estava todo limpo, perfumado. Ela também. Nos aproximamos, fechamos os olhos. Ficamos os dois excitados, começamos a nos abraçar, nos apertar, a passar a mão em nós quando..

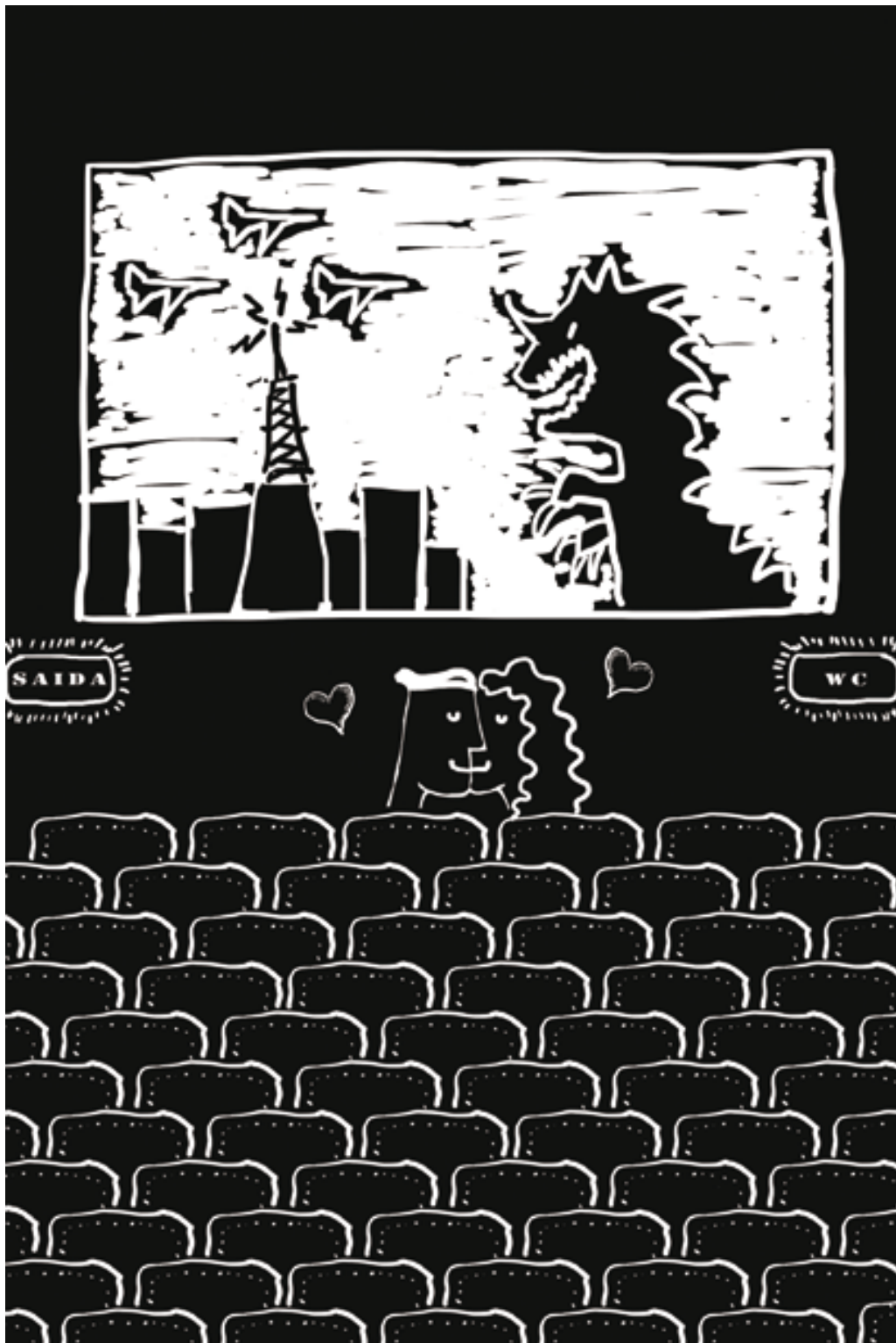
– Viollette, sai daí! – apareceu uma alma penada sobre nós. Era a mãe da Viollette. Que mulher desagradável! Disse que nos pegaria no final do filme e estava no filme conosco. “Ninguém merece uma sogra horrorosa assim”, pensei tentando apagar o fogaréu do amor em meu corpo.

– Minha filha só namora assim a partir dos dezesseis anos! – retirando a filha do cinema, a tal Dona Walterana – “pensem em um nome para uma sogra!” – levou minha Viollette para casa.

Combinamos na aula de inglês que nos encontraríamos às escondidas. Que ela me avisasse onde ia para eu me encontrar com ela.

Apareceu a Julianelia, prima da Viollette. Ela também tinha um namorado escondido. Íamos os quatro ao cinema e cada casal em um canto, na última fileira das cadeiras, bem no cantinho. Como namoramos felizes!!!!

Finais de semana com momentos eróticos dos mais puros no cinema. Que filme assisti? Nem sei. Não importava. Lia as resenhas para poder comentar em casa.



Minha mãe sabia de tudo e dizia:

– Meu filho, usa camisinha, lava bem a mão, cuide para que vocês namorem bem. Seu pai e eu fizemos a mesma coisa e sempre nos cuidamos. Me avise quando forem namorar mais profundamente para cuidarem mais profundamente de vocês. Um filho é sempre bem-vindo, mas se vier mais para frente é melhor, né Eliakim? Quando for hora, me avise, e venham aqui para casa, meu filho! – comunicou minha mãe, serena, cuidando de mim.

Fomos descobertos porque Dona Walterana pegou o celular de Viollette e descobriu tudo. Fomos proibidos de nos encontrar. E isso nunca mais aconteceu porque Viollette só saía de casa, agora, com a mãe.

Eu conheci o amor com Viollette! Sigo minha vida feliz e compus uma música para minha primeira amada. Abro meus shows com ela. Sim, passei a cantar na escola, com um banquinho e um violão. As minhas colegas gostam da minha música e deliram e suspiram quando eu canto: *Lilly, My first love!*

A MALA DE CERVEJA

Nós três, inseparáveis, montamos nosso plano para a passagem de ano, que seria na casa de um de nós. Do Yuri, que mora na Av. Paulista, em uma cobertura duplex. Os pais dele, muito nossos amigos, nos convidaram para jantar lá e para comemarmos o ano velho e a entrada do ano novo.

“Os tios são legais. Mas final de ano em família. Que chatice!”, pensamos e montamos um plano.

Enquanto estivessem todos ocupados com o jantar, fugiríamos para a Paulista para tomar cerveja com o povo que estava na rua.

Cada um com dezesseis anos! Como compraríamos cerveja? Tão fácil! Fomos ao bar da esquina e gastamos nossa mesada comprando três cervejas para cada um de nós, que seriam levadas para a casa do Yuri na minha mochila. Seriam nove cervejas. Meio difícil de disfarçar pelo volume e peso. Demos um jeito.

Cheguei com duas mochilas: a do computador e a das cervejas. O pai do Yuri nem percebeu. Fomos para o quarto com a parte dois do plano perfeita. A um foi comprar a cerveja. Escutamos música e arquitetamos o resto do plano. Eu estava preocupado em trair o pai do Yuri.

Lá pelas dez horas da noite, fugimos pela saída de serviço e deixamos um bilhete na porta do quarto, avisando que havíamos descido para o térreo do prédio para ver o movimento da Av. Paulista.

Saímos com as cervejas na bolsa e começamos a beber achando aquilo o máximo. No meio daquela multidão toda de branco, que mais parecia uma passeata de médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e demais profissões que usam branco, nós três bebemos uma latinha depois da outra de estômago vazio.

Por sorte, descobri que detesto cerveja e não bebi minhas três. Fingi que bebi, mas joguei fora as três. Na verdade, um sujeito bêbado ao meu lado percebeu minha jogada e trocou comigo as latas vazias dele por minhas cheias. Meus colegas não perceberam.

Yuri bebeu suas três e simplesmente apagou sobre mim. Desmaiou e pronto. Não pude com o peso dele e meu colega me ajudou a levá-lo de volta para casa. Cada um de nós arrastava metade de Yuri apagado.

– O pai do Yuri não vai gostar de ver isso – disse o porteiro do condomínio ao abrir a portão.

Ele nos ajudou fazendo Yuri vomitar, mesmo dormindo. Lavamos Yuri no banheiro da cabine de segurança do porteiro.

– Depois vocês descem aqui para lavar esse banheiro, por favor. Sobe esse menino e troca essa roupa dele. Coloque-o para deitar e de lado. Fiquem ao lado dele se ele vomitar novamente. Ele não pode aspirar o vômito – explicou o porteiro, nos ajudando a colocar Yuri no elevador.

Subimos, abrimos a porta de serviço e ninguém nos viu. Fomos para o quarto do Yuri, o trocamos, o deitamos e, enquanto meu amigo cuidava de Yuri, eu desci para lavar o banheiro. Tudo em ordem. Lavei a roupa de Yuri também. Na verdade, coloquei de molho em um balde que achei na área de serviço.

A situação era: um bêbado desmaiado na cama; outro, meio bêbado, mas disfarçando bem, e eu bem.

Chamaram para a ceia. Fomos nós dois e eu disse para o pai do Yuri que precisava conversar com ele.

Contei a verdade. Ele ficou p. da vida!!!! Tão desapontado conosco! Falou tudo o que devia para nós e estava correto. Olhou para o filho, viu que ele estava bem e fomos comer sem Yuri.

A virada do ano foi linda! Fogos para todos os lados. Yuri acordou, comeu um pouco, abraçou os pais e voltou a dormir o sono dos bêbados.

No dia seguinte, ouvimos aquele sermão esperado. Procuramos nos regenerar participando de todas as atividades da família naquele dia. Ali eu decidi não beber mais porque, de verdade, não gosto disso. Em festas, pego um copo de cerveja e finjo que tomo. Costumo jogar a bebida em vasos de plantas ou pias que vejo. Faço isso porque se não pego o copo, sou excluído da turma. Gosto da minha turma, mas não preciso da bebida para ser feliz. Só dos amigos.

BEIJAR O VOVÔ NA CAIXA

A confusão em casa foi geral. De repente, vovô, que era um homem ligeiro, feliz, animado, carinhoso, trabalhador, chega em casa em uma cama hospitalar, todo entubado e ligado a aparelhos. Eu sabia que ele estava no hospital, mas nem percebi que três anos haviam se passado e ele ainda estava lá. O tempo de criança passa diferente.

Eu não entendo o que aconteceu e meu pai diz que explica depois. Vovô vai para meu quarto e minhas coisas são tiradas rapidamente para que as dele sejam ajeitadas ali. Meu pai diz que preciso entender e que ele explica depois.

Passo a dormir com minha avó, que é a esposa do vovô. Eles moram com a gente. Nessa noite, eu durmo com minha avó na cama deles. Que noite horrível. Tive muitos pesadelos.

Minha avó chora a noite toda e me conta que o vovô vai morrer a qualquer instante porque o hospital não tinha mais o que fazer e que agora o vovô seria tratado em casa.

– Tratado de quê, vovó? – pergunto, tentando entender, nos meus oito anos.

– Lembra que o vovô passou mal aqui em casa e foi para o hospital? Ele teve um AVC e uma trombose juntos. Apagou e não voltará mais – enxugando as lágrimas, minha vó explica.

– Mas ele está em casa, vó!

– Sim, o corpo dele está, meu neto. Mas ele já morreu faz tempo. É só uma questão de dias. O corpo dele vive porque está

ligado aos aparelhos. São dezesseis cabos mantendo o corpo dele vivo.

Tento dormir e, nos meses seguintes, sigo no quarto de minha avó, que agora tem duas camas.

Vovô segue na cama hospitalar e, três vezes ao dia, chega uma equipe para cuidar dele. Dão banho, fazem fisioterapia, trocam fralda, dão remédios e examinam as sondas que o fazem ficar vivo.

Uma agonia para a família toda. A casa tem um cheiro esquisito de remédio, morte e desinfetante. A cara de todos é de tristeza profunda, e tentam seguir a vida como podem.

Vovô fica sempre calmo, nunca fala nada, não se mexe, tampouco abre os olhos.

O dia do céu chegou para vovô que, naquela manhã, encontrou seu caminho. Ele faleceu à noite, enquanto dormíamos. Sua morte foi descoberta pela equipe que chegou logo cedo para cuidar dele.

Ele foi enterrado no mesmo dia.

No enterro, vovô foi colocado em uma caixa, que chamavam de caixão. Não era grande. Minha mãe pediu para eu beijar o vovô e dizer adeus a ele.

Eu respondi que não queria beijar o vovô daquele jeito esquisito. Que eu gostava de beijar o vovô como ele era antes.

Minha mãe me respeitou. Ela beijou seu pai. O caixão foi fechado e nunca mais vi meu vovô. Nos encontraremos algum dia.

O OFICIAL DA VIRGEM

Sábado sim, sábado não, é dia do baile no Clube, do qual sou sócia e adoro. Participo de quase todas as atividades possíveis e tenho muitos amigos lá.

O baile é das 17h às 19h, depois há um jantar e o horário de encerramento é às 21h. Esse baile é para jovens entre 18 e 25 anos. Pais não entram.

O traje é: vestido para as mulheres e, se o jovem for oficial, a farda completa de gala. Se não for oficial, terno. Todos são muito elegantes. Costumo fazer rodízio de vestidos com minhas amigas porque não há armário que aguarde tantas mudanças de roupas e acessórios.

Naquele sábado, nem bem cheguei, um oficial aproximou-se de mim e me chamou para dançar. Dançamos até o jantar. Ele sabia muitos detalhes de mim. Achei estranho, mas como temos muitos amigos em comum, pouco me importei com isso e me encantei pelo charme do Oficial Marcondes, que dança muito bem. Eu também danço porque faço as aulas de dança do clube desde os quatorze anos, quando começaram os bailes.

Dançamos todos os ritmos e ele era encantador. Dançamos quase que duas horas inteiras sem parar! Rimos juntos e nos divertimos a cada música dançada. A orquestra, sim, orquestra, estava com uma seleção feita para nós dois. Ele disse ter se apaixonado por mim há muito tempo e me convidou para jantar com ele em sua mesa.

Jantamos e ele quis me levar em casa. Liguei para meus pais e disse que tinha carona. Ele sabia meu endereço e me deixou em casa dizendo que passaria no domingo para irmos ao cinema.

Fomos ao cinema no domingo, na sessão das 16h, assistir a um filme ultrarromântico. Marcondes, que eu chamava de Conde, me agarrou e me beijou forte. Tentei afastá-lo pedindo que fosse mais gentil e ele me respeitou dando-me beijos mais suaves. Eu queria assistir ao filme e ele queria era me agarrar e passar sua mão em todo o meu corpo. Pedi que ele esperasse o tempo de todo namoro e ele me respeitou. O filme acabou e ele me levou em casa.

Durante a semana, flores foram entregues e no final de semana fomos ao cinema novamente. Ele foi gentil, mas atrevido. Deixei rolar dentro dos meus limites de respeito ao local público, no cinema escurinho, mas em que se vê tudo.

E assim foram as semanas seguintes. O cinema, os bailes, ele mais assanhado e querendo me levar para um motel. Eu dizia que não, que ainda não era hora e era isso que ele queria.

Três meses se passaram e ele começou a dizer que queria noivar comigo porque iria ser transferido para outra cidade e gostaria de ir casado. A transferência seria no final do ano. Estávamos no meio do ano. Conde conversou com meus pais e me deu um anel de noivado muito bonito.

Eu me senti maravilhada com tudo aquilo. Eram tantos os presentes! Tanta diversão junta que nem dei ouvidos para os comentários de meus amigos que diziam que Conde era um cretino e que me abandonaria assim que fizesse sexo comigo. Acabei me afastando desses amigos porque achei que invejavam minha felicidade.

Outro sábado chegou e o plano era ir ao cinema. Quando vi, estava na porta de um luxuoso motel. Fiquei constrangida porque eu gostaria de ter me preparado para aquele evento. Gostaria de ter feito parte daquela escolha.

Entregamos nossos documentos e logo estávamos na cama daquela suntuosa suíte que eu só havia visto em filmes. Ele foi logo tirando minha roupa e a dele. Era o primeiro homem que eu via nu, pelado, inteiramente sem roupa. Assustei-me porque toda aquela situação, embora esperada, era inesperada para aquele dia.

– Sou virgem! – disse a ele. – Estou com medo.

– Eu sei que você é virgem, por isso escolhi você, Bruna. Eu queria uma mulher para ser minha esposa, e que eu fosse seu primeiro homem.

Conde me abraçou, me encheu de carinho, foi gentil e pronto, estava feito. Eu nem aproveitei para falar a verdade porque estava muito tensa com toda aquela situação. Senti-me constrangida, apesar de ter consentido tudo.

Ele, por outro lado, aproveitou cada segundo de uma maneira ao mesmo tempo erótica e um pouco doentia, analiso. Ele me olhava com olhos bem abertos, como se estivesse tomando posse de cada centímetro milimétrico de meu corpo.

Ao explodir em seu prazer, ele saiu muito rápido de cima de mim e olhou para ver se via algum sangue no lençol ou em mim. Claro que ele encontrou.

A maneira como Conde tocou esse sangue e foi banhar-se na jacuzzi do banheiro revelou para mim que aquele jamais seria meu marido. Eu queria era sair correndo dali. Conde não agira de maneira normal. Havia um certo prazer na maneira como tocou meu corpo procurando sangue que indicaria a perda da minha virgindade.

Eu tomei um banho de chuveiro e me arrumei. Disse que queria ir para casa. Ele me levou e fomos em total silêncio até minha casa. Ao despedir-se de mim, um leve abraço.



Eu entrei correndo em casa e caí em prantos lembrando de tudo o que meus amigos haviam falado antes. Eles me avisaram que Conde era um comedor de virgens e que desaparecia depois de seu troféu conquistado.

Dias passaram e Conde não deu qualquer sinal, tampouco apareceu no próximo baile. Eu estava em total desespero esperando minha menstruação porque fizemos sexo sem qualquer proteção e eu poderia estar grávida.

Foram dias de horror, temor e de futuro incerto. E nada de Conde. Meus amigos perceberam que havia algo errado. Eu contei o que havia acontecido e eles me disseram que haviam avisado. Meus pais também perguntaram de meu noivo e disse que não sabia nada dele. Que ele havia sumido.

Minha menstruação veio e meu alívio foi além do tamanho do universo. Meus amigos me deram todo apoio e eu pude superar esse início de vida sexual.

Semanas depois, encontrei Conde no baile em ataque a outra jovem. Eu queria ir até ela e avisá-la do que a esperava. Não adiantaria. Ele era muito bom em sua estratégia. Fui totalmente ignorada.

Vendi o anel e os brincos que ganhei do oficial Conde, bem como dei todos os presentes que havia recebido dele. Inventei uma história para meus pais que, no final, acharam ótimo que não havia dado certo porque eu era muito jovem para me casar e mudar para outra cidade.

O oficial da virgem passou. O episódio passou. Página lida e virada.

EMÍLIA

Eu já estava cheia de ouvir que minhas duas amigas e eu, as três com quatorze anos, no primeiro colegial, éramos do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Os colegas de classe diziam isso porque éramos virgens, brincávamos muito uma na casa da outra, nos finais de semana passeávamos com nossas famílias, íamos ao cinema ou brincávamos entre nós.

Tínhamos jogos de tabuleiro, baralho, saquinho, bola de gude, fofote, casa de bonecas grande no quintal, que na verdade, era um quarto de brinquedos que tinha na minha casa. Nós gostávamos de brincar, praticar esportes no clube e nos divertir.

Namorado era algo que não estava nos nossos planos ainda. E a classe zombava de nós. Éramos excluídas, mas nós nos protegíamos com nossas notas mais altas, com as melhores redações e sempre nos destacando nos concursos literários, de história e matemática da escola. Participávamos das gincanas, dançávamos na abertura das Olimpíadas Escolares e outros eventos na escola, com coreografias que bolávamos com músicas da época.

Um dia, um colega do fundão me encheu tanto a paciência que levantei para dar um murro na cara dele durante a aula de matemática. O professor fez uma pergunta e ninguém respondeu. O colega do fundão disse:

– Pergunta para a Emília do Sítio do Pica-Pau Amarelo que ela sabe – com tom de total deboche ele sugeriu.

Eu já tinha ouvido tantos comentários desse gênero que levantei com uma raiva de anos acumulada. Cruzei a sala porque sentava na primeira carteira. Fui até meu colega, que disse:

– Ficou nervosa, Emília?! Que medo! – humilhando-me ainda mais.

Fechei a mão pequena e com toda a força, dentro de meu perfil magro, dei um murro na cara daquele palhaço ridículo que me amolava há anos.

Minha mão doeu bastante. Ele levantou para revidar.

O professor correu e o segurou. Volte para seu lugar, Emília.

– Até o senhor, professor! Até o senhor! – com todo nervosismo em meu corpo, respondi, saindo da sala e indo para a diretoria explicar o que havia acontecido.

A diretora ficou escandalizada pelo meu murro mais do que pelo o que eu tinha escutado há anos.

Fui suspensa por dois dias. E meu colega do fundão por três dias. O professor recebeu uma advertência.

Voltei às aulas e não olhava mais para o idiota do fundão. O professor passou a chamar-me pelo meu nome. Voltei com mais força interna e fiquei famosa na escola por ser a Emília que dava murro quando ficava nervosinha.

A brincadeira continuou; passei a ignorar e gostar ainda mais de poder ainda brincar com minhas amigas! F... todos, comecei a pensar comigo mesma. E que todos vão para P.Q.P.!

UM NEGÃO DE RESPEITO!

Eu com dezessete anos sou caixa do maior supermercado da cidade no litoral de São Paulo. Um orgulho para mim e para a família. Carteira assinada, seguro saúde, ticket refeição e descontos nos produtos do supermercado para as compras do mês. Fantástico! Estou à noite no EJA: Educação de Jovens e Adultos.

Todos os dias, aparece um rapaz bem lindo e faz questão de passar pelo meu caixa, independente se há fila ou não.

Ele me cumprimenta sempre com um sorriso lindo, conversa um pouco e noto que ele quer dizer algo mais, mas não diz. Penso comigo mesma digitando a compra dele: “Tímido esse rapaz. Tão lindo e simpático”.

Compra vai e compra vem, ele finalmente, depois de dois meses comprando um ou outro produto para passar em meu caixa, e sorrindo verdadeiras declamações de amor, sem dizer uma palavra, ele me convida:

– Que ir no baile do Clube Náutico neste sábado? Há dois ingressos para você. Assim, você pode levar alguém. Eu sei que seu pai vai gostar de você ir com alguém – aquele vozeirão de locutor de rádio, me deixou toda arrepiada.

– E você conhece meu pai? – digitando vagarosamente o código de barras do produto dele, fingindo que a máquina não teria conseguido lê-lo, perguntei.

– Sei sim, Marciwilma. Eu moro na rua detrás da sua e vejo você todos os dias vir trabalhar e chegar da escola à noite. Eu espero você passar – com um tom de cuidado por mim, Jusley, me explica.

Sim, era Jusley o nome dele. O meu nome também era estranho, então, até que fazíamos um par de fazer os outros rirem.

Aceitei o convite para o baile e levei minha tia comigo. Essa tia é divertidíssima! Solteirona adora casar todos os sobrinhos! Ela foi comigo e me disse:

– Qualquer coisa estou na pista de dança. Cuidado se ele quiser levar você para algum canto. Me avisa antes disso acontecer para termos alguns cuidados antes – dando total apoio a mim, lá se foi minha tia, dançar e se divertir.

Não houve cantinho. Dançamos a noite toda e foi muito bom.

– Quer namorar comigo? – com um tom romântico, me pediu em namoro Jusley.

– Sim! Claro que sim! – como se estivesse dizendo sim no dia do meu casamento. Fiquei eufórica!

– Vou falar com seu pai amanhã porque sei que ele espera isso. Passo lá às 17h, pode ser? Passo para pegar você no mercado antes, às 16h30.

– Tá bom! Até amanhã, Jus! – o chamei carinhosamente.

– Boa noite, meu amor! Adoro você, Wilma! – ele me desejou com aquele corpão de trabalhador que pega no pesado. Jus é empreiteiro e coloca a mão na massa mesmo, para construir casas. Ele faz de tudo: sobe a casa, faz telhado, faz a parte hidráulica, pinta, algo esplendoroso!!!! Puxou o pai, dizem.

No dia seguinte, Jus e eu chegamos em casa e ele pediu para namorar comigo. Meu pai aprovou e perguntou quando noivariíamos porque filha dele namorava para noivar e casar.

– Quando sua filha quiser, Seu Jodison. Podemos marcar o casamento se ela quiser – com a certeza de que eu era a mulher para ser a esposa dele e a mãe de seus filhos.

– Isso minha filha decide – falou meu pai dando apoio a nós dois.

O falatório começou na vizinhança porque Jus era negro e pedreiro. Comecei a viver um inferno de preconceito. Os comentários invejosos das vizinhas e das supostas colegas de trabalho eram os piores.

– Casar com negro, você branquinha assim? Já pensou nos seus filhos? Se um nascer branco, outro negro e seus netos? Tanto branco por aí, por que casar com um negro? E por aí vai?

– Calem a boca todos vocês. Jus é um negão de respeito. Trabalhador e meu amor! O nome dele é Jus! Chamem-no de Jus!

E nos casamos em dois meses!

Jus nem ligava para os comentários. Construíamos nossa casa com apoio de meu pai que auxiliou na compra do material.

O casamento foi na casa nova, em um quintal maravilhoso! Churrasco! E só para aqueles que nos apoiaram. Minha tia, com muito orgulho do meu casamento, foi nossa madrinha e organizou a churrascada.

– Gente invejosa, minha sobrinha! Siga sua vida com Jus e sejam felizes.

Os anos passaram. Hoje temos duas filhas maravilhosas. Ambas mulatas lindas com vinte e vinte e dois anos. O preconceito ainda existe e forte. Quando vou a festas, sempre olham torto para nós: aqueles que não conhecem Jus e minhas filhas.

Os comentários que já escutamos são os mais terríveis o possível. Seguimos em frente mostrando que nada disso importa para nossa família. Trabalhamos duro e vivemos nossa vida dentro das dificuldades, desafios e presentes que ela nos oferece todos os dias.



12 E 23

Meu irmão estava estudando para concurso e sempre trazia algum amigo para estudar em casa. Nesse dia, chegou um cara estranho que olhou para mim como se estivesse vendo um bife suculento. Fiquei com medo e fui para meu quarto fazer minha lição porque iria passear no dia seguinte todo, que era um domingo.

Os dois estudaram bastante, e como era de costume, o amigo que viesse em casa, trazia algo para comer e tomar. Minha mãe sempre deixava um bolo pronto. Ela trabalhava sábado à tarde, bem como meu pai. Ambos eram gerentes: um em um supermercado e outro em uma loja de eletrodomésticos. Meu irmão sempre cuidou de mim.

Esse amigo não trouxe nada. Mas deu um bom dinheiro para meu irmão comprar pão, frios e refrigerante na padaria.

Ele bate na porta do meu quarto e avisa que está saindo para a padaria. E que o amigo seguirá estudando na sala.

Continuo a fazer minhas tarefas em minha escrivaninha. Estava um dia chuvoso e escuro e meu abajur – bem, parte dele – estava ligado. Parte dele, pois eu tinha tirado a cúpula porque essa estava tirando a luminosidade da lâmpada.

Quando percebo, o amigo do meu irmão entra no meu quarto e tenta me agarrar. Ele me puxa pelos meus cabelos longos e negros e leva minha cabeça para trás. Suas mãos grandes entram pelas minhas pernas e pressinto que estou em grande perigo.

Minha cabeça inclinada vê aquela figura quase sobre mim totalmente.

Com minha agilidade de doze anos, consigo alcançar meu abajur. E o pego sem o rapaz perceber porque ele se distraiu baixando suas calças com uma das mãos.

Na hora que ele volta a me olhar, com toda a força, que desconhecia ter, enfio o abajur, com a lâmpada quentíssima (era lâmpada incandescente ainda) no rosto do fulano. Faço com tanta força que sinto que a lâmpada quebrou e o furou.

Gotas de sangue caem sobre meu vestido. Saio correndo e me tranco no banheiro.

Ele vem e esmurra a porta. Me xinga e fala que vai voltar.

Empurro um móvel que há no banheiro para segurar a porta. Também não sei como consegui empurrar aquele móvel.

Meu irmão chega em casa depois de quinze minutos. A padaria era perto.

Ele encontra a porta da casa aberta. Vê manchas de sangue e procura por mim desesperado.

Eu respondo que estou no banheiro. Abro a porta e ele me abraça e pergunta o que houve, vendo as manchas de sangue em meu vestido.

Invento uma história e ele finge que acredita e me acolhe, bem como limpa todo o meu quarto. Eu varro os cacos de lâmpada com sangue sobre o chão. Lavo meu vestido. Meus pais não perceberam nada.

Meses passaram e meu irmão e eu encontramos o fulano no dia da posse no novo cargo. Ambos haviam passado no concurso. No rosto, o fulano tinha pequenas cicatrizes e uma mancha escura. Eu sabia bem a origem daquilo.

Meu irmão e eu fingimos não o ver. Apenas notamos que ele estava com sua esposa e um bebê no colo: sim! Uma menina!

O BANHEIRO DO CLUBE

As aulas de natação acontecem todos os dias porque preciso arrumar minha coluna. É meu momento de sonho! Adoro a água!!! Nadar!!!! O problema é tomar banho depois da aula.

O banheiro feminino fica embaixo da piscina e é um pouco escondido e bem grande. Ao entrar, à esquerda, para aonde eu corro, há a ala dos chuveiros; vários, muito bons e amplos, com cabine seca para trocar-se dentro do próprio espaço. É ali que me troco.

No mesmo banheiro, ao entrar, à direita, há corredores com armários para os sócios deixarem seus apetrechos e bancos para sentarem enquanto se trocam. Os corredores de armários são paralelos e a menos que alguém vá, do começo ao fim, pelo corredor principal que divide a parte dos armários da parte dos chuveiros, ninguém vê todos os corredores de uma vez. É uma área escura e propícia para coisas que não são para serem vistas, ou melhor, não serem vistas a não ser que alguém vá procurar algo.

Eu sei o que se passa no último corredor dos armários, mas finjo que não sei, nem olho e nem vou perto dali.

Mas nesse dia, a guarda da porta, sim, havia sempre uma menina que se dizia guarda da turma do último corredor. A função dela era avisar a turma do último corredor que alguém suspeito ia entrar no banheiro.

“Ai, Deus me proteja. Hoje, é essa grandona a guarda!”, penso comigo mesma e entro no banheiro com mais três coleguinhas. Temos treze anos.

– Vocês não querem brincar conosco lá no último corredor, meninas?! Esses corpinhos tão virgens, tão sem experiência de prazer, vamos lá com a gente! Só tem menina! Ninguém fica grávida porque é mulher com mulher ou mulheres e a gente aproveita muito cada uma de nós. E nos conhecemos, para depois aproveitar melhor com os meninos.

– Obrigada, Marlene. Outro dia quem sabe – respondo séria, colocando minha bolsa com minha roupa de banho na minha frente e amarrando meu roupão uma pouco mais justo ao meu corpo. Apresso o passo e vou tomar banho. Nunca ninguém me incomodou no banho.

As outras duas meninas correm para o chuveiro e não dizem nada.

A quarta aceitou o convite e foi brincar com as meninas lá no último corredor.

Quando saímos do banho, minhas colegas e eu podíamos ouvir as risadas, gemidos e barulhos de corpos unidos em vibração de contato íntimo vindo do último corredor. Desejamos sorte a nossa amiga.

No fundo, estávamos curiosas para ver o que acontecia lá. Mas preferimos seguir nosso caminho e cada uma foi para sua casa.

As aulas de natação seguiram e as descobertas sexuais no último corredor dos armários continuaram sem fim. Diversas vezes uma ou outra menina tentava me persuadir a conhecer as aventuras sexuais do último corredor. De tanto escutarem a mesma coisa, desistiram de mim.

Eu passei a entrar e sair do banheiro sem ninguém me molestar. Os sons de prazer aumentaram e muito. Eu acho que começou a aparecer menino no meio. Nunca descobri porque nunca fui até o último corredor.

CANSEI DE SER CERTINHA!

Eu, com catorze anos, cansei de ser certinha. Todas as minhas amigas já tinham ficado com vários meninos da escola. Saíam à noite. iam a baladas, pancadões e eu ficava em casa, sob os olhos atentos de meus pais e avós que moravam conosco. Uma chatice. E eu ainda tinha que aguentar todos os apelidos desagradáveis, de que me chamavam na escola e no bairro. Além de suportar os olhares e sorrisos de desprezo por ser a certinha do bairro. Resolvi dar uma virada na minha vida e aceitei o convite para ir ao pancadão que ia ter perto de casa. A turma da escola ia estar presente quase que toda.

Planejei a fuga pela janela e fugi depois de que todos em casa dormiam. Meu quarto é no térreo da casa; os outros são no segundo andar do sobrado. Deixei tudo pronto. Minha janela estava semiaberta com o espaço suficiente para eu passar. Idem o portão para a rua que costuma fazer barulho quando mexem nele. Não emitii qualquer som. Tudo calculado. Vesti um microvestido que uma amiga me emprestou. Dourado e sem costas. Não coloquei calcinha porque a regra é ir sem calcinha. A sandália foi emprestada de outra amiga. Fiquei com minhas nádegas bem arrebitadas. Me senti arrasando.

Cheguei ao pancadão e logo minhas amigas me viram. Nem acreditavam que eu estava ali. Tinham feito uma aposta. Sim, eu fui objeto de aposta. Dez cervejas um grupo pagou para o outro. Meu valor era de dez cervejas. Disse que valia mais. Eles nem ligaram. Foram logo me dando algo para cheirar e cheirei. Também tomei uma bebida amarga em um gole só.

Dancei a noite toda e dei para muitos meninos que nem sei quem são, muito menos quantos foram. Estava louca. No meio da madrugada, cheirei mais um pouco e desmaiei. Fui pisoteada até descobrirem meu corpo no chão. Quatro dias depois, acordei em um quarto de UTI, com traumatismo craniano, o braço direito quebrado, o rosto todo roxo, muitos hematomas no corpo todo e pude ver o rosto de minha avó feliz, ao mesmo tempo que horrorizada.

Uma turma do pancadão me levou para o hospital e chamaram meus pais. O desgosto de todos foi enorme. Minha vergonha também foi grande, muito embora eu tenha aproveitado muito minha noite de loucura. Só que não foi uma noite de loucura. Minha vida virou de ponta cabeça e do avesso, totalmente.

Descobri que estava grávida e com AIDS. E não tinha a mínima ideia de quem era o pai de meu filho e quem teria me passado AIDS. Segundo minha mãe, ao fazerem o exame de corpo delito, disseram que havia cerca de oito espermatozoides diferentes na minha vagina e quatro em meu ânus. Que barbaridade.

Meus pais me perguntaram por que eu havia feito aquilo. Eu respondi que tinha cansado de ser certinha. A conversa entre nós foi dolorosa, ofensiva e ficamos todos abalados. Deixei de ir para a escola. Comecei a ter depressão e não comia nada. Comecei a definhar. Mesmo engessada, batia em minha barriga e fazia muito abdominal porque me disseram que isso ajudaria a abortar o bebê.

Minhas supostas amigas desapareceram e meus supostos amigos sumiram do mapa quando souberam que eu estava grávida. Meus pais não esconderam isso porque queriam que eu fosse exemplo para outras meninas da rua e do bairro. De fato, virei referência. De tanto bater em minha barriga e ficar fraca, abortei meu bebê.

Fiz isso para que ele não nascesse com AIDS e não fosse filho de uma mãe solteira que o gerou de forma tão libidinosa e drogada. Senti muita dor e voltei ao hospital por dias. Ao sair, descobri que não poderia ter mais filhos. O aborto foi muito violento para meu corpo. Senti-me aliviada na alma. Eu teria muita vergonha que meus filhos soubessem o que eu fiz um dia.

O MANTÔ VERMELHO VOADOR

Segundo mamãe eu viajo de avião desde que fui gerada e estava no útero dela. Ela ainda conta que dos quatro filhos, meus irmãos mais velhos, eu sempre me portei muito bem a bordo. Até quando fui nascer! Ela pegou o avião com nove meses e nasci um dia depois do pouso. Esperei quietinha para ser brasileira!

Devido ao trabalho de meus pais, ambos na área da diplomacia, representando o Brasil, na área de relações internacionais, aeroporto faz parte de minha rotina.

E assim que completei seis anos, e podia ler e falar em quatro línguas, meus pais me deixaram começar a viajar de avião sozinha! Ou melhor, sempre um agente da companhia aérea me acompanhava até o avião e a bordo, e eu sentava na poltrona do corredor, na primeira fileira para ficar sob a atenção das comissárias. A bordo, conversava com quem se espantava comigo falando inglês, francês, espanhol e português fluentemente. Sabia ler tudo e meus pais educaram seus filhos para sermos viajantes pelo mundo.

Antes dos seis anos, meus irmãos e eu já viajávamos em assentos separados na classe econômica e meus pais na business. Só deveríamos ir lá procurar por eles, em caso de emergência. Deveríamos tentar resolver o que precisássemos sozinhos ou entre nós, os irmãos. Era para nos deixar independentes. Meus pais contam que quando todos nós dormíamos, eles passavam para ver se estava tudo bem e perguntavam para as aeromoças se estávamos nos comportando bem. Vim a saber disso, anos depois.

Ao desembarcar, um outro agente vinha me buscar e me levar até quem me esperasse no aeroporto. Eu sempre tinha uma identificação em um crachá enorme, dependurado em um cordão comprido, que parecia um colar. Ele continha meus documentos, autorização de meus pais, telefones de meus avós e outras informações de contato no local de destino e origem.

Devido ao trabalho de meus pais em diferentes cidades, para ver meus avós, tios e primos eu precisava pegar o avião. Meus pais sempre prezavam por férias em família no Brasil para nós não perdermos nossa brasilidade. Dos quatro filhos, só eu gostava de vir ao Brasil. Por isso, acabei viajando mais sozinha.

Essa experiência é determinante para mim que cresci voando para lá e para cá sempre vestindo, inicialmente, quando pequena menina, um mantô vermelho longo de lã com capuz, para ficar bem agasalhada e com uma mochila.

No começo, levava na mochila boneca, travesseirinho para dormir a bordo, chocolate, água, quatro livros nas línguas que lia e falava e revistinhas brasileiras, que amo até hoje, principalmente, as do Chico Bento.

Outras mochilas vieram, o travesseirinho se foi, e na mochila entraram livros mais grossos e celular. O mantô virou um casaco de nylon comprido, com capuz e também vermelho. O chocolate, a água e as revistinhas continuavam na mochila, que agora era maior.

Ontem foi um dia especial porque, pela primeira vez, nosso motorista, Pierre, me levou ao aeroporto em Paris, parou o carro, abriu a porta para mim, entregou-me minha mala e desejou-me uma ótima viagem! Havia feito dezoito anos no fim de semana anterior. Minha vida de viagens mudaria dali para frente.

Vim para São Paulo, como presente de aniversário de dezoito anos, para ver meus avós, tios e primos. Dessa vez, fiz o check-in com meu passaporte e não recebi crachá algum. Vi GRU na etiqueta de minha mala, confirmei o portão e entrei.

Sozinha! Uau! Passei pela segurança, imigração, e entrei a bordo como uma jovem mulher. Sentei na primeira fileira e no corredor como de costume. Gosto desse lugar.

Para comemorar a nova fase, comprei um novo casaco comprido com capuz e vermelho!!!! Chique, lindo e de lã de alpaca todo forrado com flanela em uma estampa florida bem colorida. Muito quentinho e macio. Sigo com minha mochila. Um pouco maior agora. Dentro dela o chocolate, livros nas quatro línguas. As revistinhas e a água continuam. Entraram um novo telefone e meu laptop.

Cheguei em Guarulhos e ninguém me esperava. Que satisfação! Peguei o táxi do aeroporto e paguei com cartão de crédito! E aqui estou, na casa de meus avós, escrevendo esse registro em meu diário.

– Voar, voar, voar!



OS JARDINS DOS SALTOS

O campus desta Universidade é lindo. Amplo e plano. Cheio de passarinhos. Muitas árvores. Flores diversas. Lago, rio e riozinho. O ar é fresco. As pessoas amáveis, o ambiente sereno.

Um vento gostoso vindo da mata perto do campus, do mangue perto da universidade, passa e repassa pelas árvores acariciando nossas mentes e corpos.

Os prédios que compõem o campus são predominantemente baixos, com três andares. Apenas um é alto, com cerca de quinze andares.

De alguma forma, o teto desse prédio convidava almas jovens, bem jovens, estudantes da graduação, na sua maioria, com suas cabeças perturbadas e desesperadas a chegarem até lá.

O caminho exigia pegar uma fila para conseguir entrar no elevador. É um elevador que atende a um grande público universitário, dia e noite.

Ao chegar ao último andar, era preciso caminhar até uma porta de ferro, um pouco escondida no final do corredor. Depois, era necessário arrombar um cadeado, subir uma escada escura e sinistra de vinte e três degraus, chegar ao teto do edifício, caminhar entre canos, caixas de água, perder a vista esplendorosa que deveria alimentar e nutrir cérebros equilibrados e em descompasso, chegar até o parapeito, subir nesse e pular para o salto sem volta.

Durante aquele ano foram um, dois, três, quatro, cinco, seis e aquele era o sétimo... e estávamos em maio!

– Opa! Alguma coisa precisa ser feita e urgentemente!!!! – disse uma professora de Letras que já não suportava ver mais corpos estatelados tão cedo pela manhã. A maioria dos saltos acontecia entre 7h e 7h30, quando a professora começava a lecionar.

– Sim! Temos que fazer alguma coisa!!!! – concordou uma aluna de Letras, com cerca de dezenove anos.

Com uma beleza discreta, ares Elizabeth Taylor, essa aluna comentou que estava organizando uma festa de encontro pós-formatura de ensino médio e que, ao ligar para seus colegas, três deles haviam terminado com suas vidas. Três de uma turma de quarenta e seis!

– Muito grave! – uma professora de Psicologia comentou.
– Vamos fazer alguma ação e é já!

– Sim! Já! – uniram-se alguns alunos de Arquitetura e Urbanismo e de Design.

Os estudantes começaram a fazer planos com apoio das professoras. Logo um grupo estava organizado com alunos de Letras, Arquitetura e Urbanismo, Design e Psicologia. O grupo de professores aumentou também e, enquanto o SAMU chegava para retirar o corpo, já estavam todos na Reitoria.

Aquele grupo de alunos se mobilizou e um grande movimento para a vida se iniciou naquela universidade. Professores apoiaram as ações e a Reitoria também.

Um levantamento foi feito e constataram vinte e quatro casos de suicídio estudantil daquele teto. Pais, mães e familiares também optaram por esse salto. Os números são alarmantes!!!

O alarme soou mais forte no coração dos estudantes, que propuseram uma grande reforma no último andar do referido prédio. A faculdade de Arquitetura e Urbanismo promoveu um concurso de reforma e um belíssimo projeto foi o ganhador.

Psicologia decidiu ampliar a divulgação do atendimento grátis, que é feito para a comunidade que precisa de apoio psicológico. Design cuidou de detalhes essenciais para integrar as ações.

Hoje, o último andar tem placas que convidam a todos para o boulevard aéreo com a melhor vista da cidade. A porta que existia, existe, e está aberta das 9h às 17h. Hoje ela é uma porta com um grande arco.

Cada degrau está pintado com ídolos da história da arte, da música e da vida cotidiana. Luzes fortes iluminam o caminho da subida da escada. As paredes dessa escada simulam uma silhueta da cidade que será encontrada no teto do edifício.

Agora, ao chegar ao topo, há um grande boulevard, com bancos, muitos vasos com árvores e plantas. E, em diversos pontos estratégicos foram colocados binóculos para que as pessoas possam ver a vista da cidade que, de lá, sem dúvida, é privilegiada.

Há sempre um segurança no local, bem como câmeras de vigilância, que gravam vinte e quatro horas por dia. O antigo parapeito ganhou floreiras com plantas coloridas e fortes para aguentar o sol intenso do dia todo e do ano inteiro.

Nesse local, os alunos e funcionários descansam, conversam e apreciam a vista. Há apresentação de shows, ensaios teatrais, encontros para realização de trabalhos, entre outras atividades comuns aos universitários.

Alunos de Psicologia fazem estágio por lá também e sempre se aproximam de quem percebem que precisa conversar. O número de atendimentos grátis no centro psicológico da universidade cresceu bastante e segue aumentando.

Onde antes, no térreo, era a pista de pouso para os saltos, hoje há um outro boulevard com bancos coloridos, muitas árvores novas e diversos vasos com mais flores ainda. Alunos e servidores desfrutam do espaço que agora é um campo de vida!

O prédio ganhou pintura nova e teve a fachada reformada. A cada ano, um concurso na faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design é feito para proporcionar melhorias no local, que se tornou referência na vanguarda criativa de bem-estar estudantil!

A faculdade de Psicologia apresenta gráficos constantes dos atendimentos realizados. Frases de incentivo à vida, escritas pelos pacientes atendidos pela faculdade, ficam em plaquinhas especialmente criadas pelos alunos de Design, para acompanhar quem vai ao boulevard. Essas frases, bem como as plaquinhas, são trocadas com frequência pelos alunos da Psicologia. Pessoas transitam entre vasos, paredes e árvores. O lugar pode mudar. A morte também pode mudar de hora. A morte dá voltas! A morte pode escolher pela vida!

PRESLEY ELVIS, ELIS REGINA E AGATHA CHRISTINY

Duda era louco por música e sabia intuitivamente tocar muitos instrumentos de cordas sem nunca ter ido a uma escola. Era pedreiro e, quando lhe emprestavam um violão, um violino, uma viola ou uma guitarra, ele tocava e soltava a voz imitando Elvis Presley. Mas como ele era cover, ele se autodenominou Presley Elvis.

Sem um tostão para comprar um instrumento, Duda pegou uma obra imensa na casa de alguém que tinha ouvido dizer que era músico. Duda conversou com o dono da casa, que lhe mostrou o que precisava ser feito. Um estúdio de música. Sim! O destino existe. Duda ia fazer uma obra na casa de um produtor de música!

Na sala do dono da casa, todos os instrumentos de uma banda. Duda não resistiu e pediu para tocar a guitarra. Ele tocou, soltou a voz e contou a história do Presley Elvis.

– Rapaz! Você leva jeito para a coisa – espantado com o talento de Duda, o dono da casa comentou.

Acertaram o preço e Duda começou a obra com seu companheiro de trabalho, Magno Stallone, mais conhecido como Elis Regina. Foi assim que Duda apresentou Magno Stallone ao dono da casa, que perguntou:

– Você é cover da Elis Regina? – com um tom empresarial e com um sorriso de cheirar um sucesso na frente, perguntou o dono da casa.

Magno Stallone pediu, delicadamente, com muitos trejeitos em seu corpo bem moldado, com traços femininos, para cantar ao microfone.

– Elis Regina só baixa em mim se eu tiver um microfone na mão, patrão.

Magno Stallone pegou o microfone, ajeitou seu cabelinho curto já cortado e colorido na cor de Elis Regina e soltou sua voz. Duda pegou sua guitarra e acompanhou a Elis Regina cover, que arrasou.

– Vocês são muito bons!!!! Presley Elvis, eu acho que você tem que tocar guitarra e Magno Stallone é quem tem que cantar. Vocês precisam de alguém na bateria.

– A gente tem a Agatha Christiny, patrão. É um amigo nosso que toca muito bem. A gente pode chamá-lo para vir aqui.

– Chamem, chamem! Já! Vou inscrever vocês em um festival de novos talentos na rádio em que eu trabalho. O festival começa em quatro horas. Cadê a Agatha Christiny?

– É ele, patrão. Ele se chama Sidcrey Cróvis, mas é mais conhecido como Agatha Christiny. Ele é homem como eu, e mais conhecido como Agatha. É como eu com a Elis, o senhor entende?

– Tudo bem. Vou pedir um táxi para ir buscá-lo e chamarei uma produção para cuidar de vocês três.

A obra foi deixada de lado. Um time de profissionais chegou à casa e deu uma repaginada nos três. Nessa altura, Sidcrey Cróvis, totalmente incorporado em sua Agatha Christiny já havia chegado. Um negro alto, esbelto, com uma voz feminina grave maravilhosa de arrepiar o coração. Ele era pedreiro também. O trio era de pedreiros. Fantástico!

– Bom, tá na hora de ir para o estúdio da rádio – informou o patrão, que já havia virado empresário dos três.

– Mas, patrão, a gente nem ensaiou... – Elis Regina cover informou.

– Vocês têm horas de ensaios! É só cantar e tocar na hora.

– Patrão! – com entonação de que queria acertar algo antes de ir – nós gostaríamos de acertar o que a gente vai ganhar se vencer o concurso – pediu Presley Elvis.

– Claro! Quanto vocês querem? – já colocando os três e os instrumentos na SUV que o patrão tinha.

– A gente quer essa bateria, essa guitarra, aquele microfone, as caixas de som e aquele baixo ali, que está empoeirado no canto da sala.

– Fechado! Mas vamos assinar logo um contrato aqui, então.

– Deixa isso para depois, patrão. Os instrumentos já estão bons demais da conta. Assinatura a gente faz depois de ganhar.

O locutor da rádio, que tem imagens podendo ser acessadas pela internet, anuncia a próxima banda participante do concurso da rádio.

– Caros ouvintes, agora com vocês a banda “Os Pedreiros e Suas Meninas”. Acessem nosso site para ver esse trio!!! São três amigos pedreiros, com idades de 18, 20 e 21 anos, que cantam e tocam sem nunca terem ido para uma escola de música. São uns caras geniais. Com vocês Presley Elvis, na guitarra, Agatha Christiny, na bateria, e Elis Regina no vocal.

Os três foram um êxito total! Ouvintes ligaram na rádio, os acessos no you-tube chegaram a mais de dez mil só enquanto tocavam! E parece que já tinha fãs gritando na frente da rádio. A banda agradou a todos!

Como era de se esperar, as votações pela internet explodiram e os três ganharam. O prêmio era a gravação de um single com um clipe.

O clipe foi gravado, o sucesso foi total e as novas músicas foram cantadas tanto por Elis Regina cover quanto por Presley Elvis. E não é que Agatha Christiny mostrou-se uma Marisa Monte de primeira! Os três variavam quem cantava e o sucesso triplicou!!!!

A promessa de os instrumentos serem dados foi cumprida. E o contrato assinado. E não é que os três terminaram o estúdio fazendo o serviço de pedreiro também! Virou o clipe no final. Eles na obra, com imagens deles tocando os instrumentos e cantando, em seus personagens, enquanto construíam o estúdio como pedreiros. Ficou demais! Os três são estelares!

GUALICHO E QUIPROQUÓ

Como todo final de semana, estávamos na casa da minha mãe planejando o que fazer naquele sábado e domingo. Ao redor da mesa de jantar de jacarandá, com o sol da manhã aquecendo nossas ideias e a brisa do alto da Aclimação dando asas para nossas vontades, começamos e pensar nas possibilidades de divertimento que, normalmente, eram futebol ou corrida de cavalos.

Eu, o mais novo, recém completado dezenove anos, estava com um desejo imenso de dirigir o novo carro de meu irmão mais velho, já médico neurologista e dono de um Packard Caribbean, vermelho, conversível, com banco de couro branco. Novinho, recém buscado no Porto de Santos, vindo dos Estados Unidos, de Ohio. Zerinho. 1953. Um luxo elegante, impactante com um motor V 12 que arrepiava todos os meus pelos e fazia meus ossos tremerem de êxtase em pisar naquele acelerador e segurar aquela direção.

– Tenho uma ideia maluca das doidas e bem cheia de aventura! –, com meus olhos castanhos vibrantes, semblante risonho com cara de quem iria dizer algo estrondoso e emocionante.

Meu irmão mais velho, mais nosso meu primo, colega de faculdade, com 27 anos, que morava conosco, me fitaram na espera do plano e já prontos para a possível aventura.

– Para onde vamos? – com muito entusiasmo, perguntou meu primo, que era de Santos e estava acostumado a pegar a Anchieta. Subia e descia quase toda quinzena.

– Tem que fazer mala? – já pronto para ir para seu quarto arrumar suas roupas finas, perguntou meu irmão mais velho, na altura de seus vinte e oito anos.

Com a voz de entendido no assunto, eu disse:

– Quiproquó e Gualicho vão correr no Grande Prêmio Brasil no Rrrrrrio de Janeiro amanhã no Hipódromo da Gávea! Vamos!!!! Eu dirijo! – levando no colo dos sonhos malucos meu irmão e primo.

– Vamos lá! – responderam juntos meu irmão e meu primo.

Saímos correndo para o quarto e fizemos, cada um, uma maletinha com três mudas de roupa. Pegamos dinheiro. Os dois médicos tinham mais dinheiro, mas eu também tinha porque já trabalhava. Fazia direito, era estagiário à tarde e dava aulas de Português em um colégio à noite.

Avisamos mamãe que íamos para o Rrrrrrio de Janeiro. Ela, meio surpresa, concordou sabendo que éramos arteiros, mas responsáveis, dentro do possível. Papai estava na fazenda. A mãe de meu primo saberia depois. Não havia telefone na casa dela. Havia na casa da minha mãe. Tudo daria certo.

Subi no carro, agarrei a direção e lá fomos para a Dutra, rodovia que era relativamente calma na época. Fui escolhido para dirigir porque eu era o que menos dormia no volante e enfrentava largas distâncias sem pestanejar. De São Paulo ao Rio, eram 400 km e chegaríamos no final da tarde. Dirigi até o Rrrrrrio e chegamos em seis horas. Pisei no acelerador o que podia. Não havia guardas, a estrada era boa, o carro potente e eu um excelente motorista. Embora com dezenove anos, dirigia desde os doze dentro da fazenda.

Chegamos ao Rrrrrrrrio de Janeiro e fomos direto para Copacabana. O Packard Caribbean, de capota arreada, fez muito sucesso e nos divertimos! Fomos direto para a praia tomar o sol de final de dia e ver como são os cariocas com seu sotaque charmoso. A noite caiu. Jogamos futebol na praia à noite. Que felicidade!

– Onde vamos tomar banho, trocar de roupa, jantar e dormir? – perguntou meu irmão mais velho com grande preocupação porque a noite caía em Copacabana e estávamos à milanesa, com muita areia da praia no corpo todo.

– Uma coisa de cada vez! – respondeu o primo que arrumou um local para tomarmos banho, nos trocarmos e jantarmos em um restaurante simples. Nos fartamos com o peixe carioca!

Passeamos mais um pouco por Copacabana e o Packard Caribbean fazia muito sucesso! Aproveitamos muito aquela noite que acabou em um tipo de estacionamento, no qual paramos o carro e dormimos nele porque não tínhamos dinheiro para o hotel. Tínhamos que guardar para a aposta no dia seguinte. O Packard Caribbean gastou mais gasolina do que o esperado. Mais os gastos da noite, ficamos apertados.

O luxo, conforto, e o elegante estofado branco foram o melhor colchão para nós três que estávamos exaustos.

No domingo cedo acordamos, tomamos banho ali mesmo, nos trocamos e já fomos para o Hipódromo da Gávea tomar um bom café da manhã. Estávamos na maior estica porque íamos para a Tribuna de Sócios e o traje precisava ser completo. Nós três reluzíamos de beleza. Meu irmão mais velho de terno branco, meu primo de verde claro e eu com o meu azul tradicional.

O movimento na Gávea era intenso. Carrões chegando, mulheres lindas, roupas da última moda, um desfile de joias e chapéus sob o céu azul de um primeiro domingo de agosto no Rrrrrio de Janeiro.

Fomos ver os cavalos. Era por eles que estávamos ali. Éramos fanáticos pelo Gualicho! Torceríamos e apostaríamos, como apostamos, quase todo o nosso dinheiro em Gualicho, que representava São Paulo. E Quiproquó representava o Rrrrrio. Havia naquele páreo uma rivalidade extra além dos cavalos. Era Rio e São Paulo na grama pesada da Gávea.

– Seja o que Deus quiser! – dissemos os três ao mesmo tempo.

O hipódromo vibrava e reluzia com a expectativa do Grande Prêmio Brasil.

Gualicho, nossa esperança quase certa, brilhava no seu tom castanho e com seu enigmático sinal de interrogação na testa. Uma lenda! Gualicho era veloz, corajoso, forte, bem encorpado, vigoroso e com orelhas famosas por indicar quando iria disparar na reta final. Ele tinha um jeito de mexer suas orelhas compridas quando fosse ligar seu motor turbo para cruzar a chegada em primeiro lugar. Ele era o favorito e despertava emoções das mais fortes em todos os que torciam para ele naquele hipódromo e pelo Brasil afora.

Quiproquó, entre outros cavalos que iam correr, chamava a atenção. Era um tordilho maravilhoso. Alto, atlético, com muita classe. Ele era a grande atração carioca daquele Grande Prêmio. Muitas vezes já fora coroado em grandes páreos.

Seria uma corrida emocionante e foi! Nós três com os dedos cruzados.

O alinhamento dos cavalos foi autorizado e eles entraram no box da largada. Gualicho entrou caminhando mansamente, bem comportado para seu lugar.

Nas tribunas, todos em pé ovacionando os jockeys e os cavalos. O hipódromo abrigava muitas mil pessoas. Sua capacidade era alta e estava lotado.

– Atenção! Foi dada a partida para o Grande Prêmio Brasil – anunciou o cronista ao microfone. O sentido da corrida era anti-horário. E todos os olhos acompanhavam os galopes planos daqueles dois campeões, que já se destacavam.

A narração foi feita detalhadamente e nós três com nossos binóculos acompanhamos Gualicho em cada metro dos três mil do Grande Prêmio. Um verdadeiro delírio em nós e no público. Uma corrida mitológica.

Na grama Gualicho e Quiproquó corriam ganhando metro por metro da pista longa. Os dois estavam contidos pelos seus jóqueis. Aguardavam o momento oportuno para atacar!

Os gritos da plateia incentivavam os jóqueis e impulsionavam os cavalos, que pareciam ter asas. Eles contornam a curva do mengão, depois a grande curva da chegada e entram na reta final.

Quiproquó assume a ponta.

– Mexe a ponta da orelha, Gualicho!!!! As orelhas, Gualicho! – gritávamos nós três, de olho no binóculo e vendo Gualicho em terceiro lugar.

Em um segundo, Gualicho na reta final, em alguns metros dos seiscentos finais, mexeu suas orelhas emblemáticas e começou a buscar Quiproquó.

Gualicho avança. A tribuna sacode de tantos saltos dos presentes. Nós descemos para assistir Gualicho na linha de chegada!!!!!!

O cronista narra:

– Por fora, Gualicho chega em Quiproquó. Passa-o. Uma cabeça. Cabeça, pescoço. Meio corpo, corpo inteiro. Toma a liderança.

Gualicho cruza o disco final!!!!!!

Nossos corações jovens, com o espírito aberto de entusiasmo adolescente, estavam disparados de alegria profunda. Acompanhamos Gualicho ser fotografado, pesado, galadornado, e cuidado para o descanso merecido. Um grande campeão.

Que tarde linda! Que vitória! Recebemos o resultado de nossas apostas. Contamos e recontamos aquela quantia salvadora. Era hora de voltar para São Paulo. Ao menos a gasolina do Pacardão estava garantida.

Entramos no carro e já início da noite. A hora passou rápido naquele primeiro domingo de agosto de 1953. Pisei fundo e a

Dutra não acabava. Pisei mais fundo. Cansei. Estava exausto com os olhos esgazeados de sono. Passei o Packard Caribbean para meu primo, que também pisou o que pôde no acelerador para chegar em São Paulo.

Meu irmão mais velho e eu dormíamos tranquilamente.

De repente, escutamos um grito das trevas e sentimos uma freada violenta e ouvimos meu primo dizer:

– Eu vi o Gualicho e o Quiprocó passarem na pista!!!! – desesperado e com os olhos de sono, disse meu primo.

Meu irmão mais velho sugeriu que procurássemos um posto de caminhões para dormir.

Assim o fizemos. Encontramos um na Dutra. Fomos muito bem recebidos e vários caminhoneiros vieram ver o Packard Caribbean Vermelho de bancos brancos, novinho, modelo 1953!

A nós foi oferecido um ótimo lanche e um excelente café. Dormimos com o carro estacionado protegido por caminhões.

A ideia era acordar cedo e chegar em São Paulo para meu irmão mais velho e meu primo trabalharem no hospital e eu estudar na faculdade.

– Sairemos às 3 horas da madrugada! – combinamos que seria apenas uma soneca.

O sono era tanto e o cansaço tão grande que acordamos às 9 horas da manhã com os caminhões, que nos protegiam, partindo.

Nosso susto foi enorme! Estávamos perdidos! O trabalho e a faculdade!!!! Nossa mãe já deve ter achado que morremos na Dutra.

Não havia telefone fácil.

Tomamos o café mais rápido de nossas vidas e novamente peguei o Packard.

Voei baixo na Dutra. Mexi minhas orelhas muitas vezes em sinal de que iria acelerar ainda mais.

Chegamos finalmente em casa, esperando a bronca merecida. No lugar dela, minha mãe nos esperava com almoço, roupas dos médicos prontas para serem vestidas e minha roupa de estagiário também lisa recém passada.

Almoçamos arroz, feijão, bife à milanesa que nos fez lembrar de nosso estilo à milanesa com a areia de Copacabana e saímos para nossos trabalhos.

Cada um de nós chegou em seu serviço e contou a verdade.

– Fomos para o Rrrrrrio de Janeiro ver Gualicho e Quiprocó e perdemos a hora no posto de descanso de caminhões.

Nossos chefes nos desculparam e entenderam toda a confusão. Hoje, em nossa idade avançada, nos lembramos de tantas coisas que passamos na vida! Lembramos de tudo isso como se estivéssemos ainda no Hipódromo da Gávea, com nossos binóculos vendo as orelhas de Gualicho darem o tão esperado sinal de: “Sai da frente que vou voar!!!!”

Foi um momento mágico! Permanece gravado em nossas memórias! Obrigado, Campeão!!!!

O CAJU E A COUVE

Minha mãe é feirante desde que nasceu. Ela conta que nasceu na feira e dizem que é verdade. Que foi uma grande comoção. Os clientes adoravam a história de Dona Keiko. Japonesa nascida no Brasil, de pais japoneses que moravam em um sítio em Mogi das Cruzes. A especialidade de Dona Keiko é verduras fresquíssimas, crocantes, sem agrotóxico e saborosas. Ela fornece para restaurantes chiques e para seus clientes de anos na feira do Brooklin, em São Paulo, de quarta e domingo. Hoje, ela trabalha nesses dois dias porque nos outros, ela se dedica à entrega aos restaurantes finos, que são seus clientes exclusivos.

Segundo a tradição, a família da minha mãe tem a melhor couve do Brasil. Ela concorda e me mostra como cultiva a couve. Segredo muito bem guardado. Aliás, ela tem segredinhos para todas as verduras. Adoro aprender sobre isso.

Dona Keiko também vende frutas. Somente duas frutas: manga e caju. Conta a história, que eram as frutas favoritas de meus avós e que eles compravam manga e caju de uma família agricultora de Pernambuco, cujo filho, Sr. Ferro, vendia essas frutas diretamente e somente para minha mãe, no Mercado em São Paulo.

Sr. Ferro. Esse é o apelido dele, que hoje é meu painho. O ferro vem do ferro que o caju dele tem! Além do que ele é forte como ferro, conta minha mãe, Dona Keiko, mais conhecida como Dona Couve, porque a couve dela é muito conhecida em São Paulo.

A história deles é divertida. Ela cresceu na feira e acompanhava meu avô fazer compras desde cedo e conhecia o Sr. Ferro há algum tempo. Sempre que minha mãe aparecia, Sr. Ferro dizia para meu avô que iria se casar com Dona Couve porque caju com couve dão um suco muito bom!

– Só se ela quiser! – respondia meu avô, com um sorriso bem discreto, apoiando a escolha que a filha deveria fazer mais para frente. Casar-se com Sr. Ferro ou não.

O tempo passou e mamãe começou, ela mesma, com dezenove anos, a fazer as compras. No dia em que ela apareceu sozinha, Sr. Ferro fez vários comentários sobre o que se podia fazer com couve e caju. E ainda deu um cheiro no cangote da minha mãe. Segundo a lenda conta, ela ficou tão arrepiada, que todos os seus cabelos pretos ficaram de pé. Ela ficou todinha arrepiada e gritou para o Mercado todo ouvir:

– Sim, sim, sim, eu aceito! – com um ar de assanhada discreta, se isso é possível de dizer...

– Sim, para quê, mulher? – perguntou painho, meio resabiado se minha mãe estava falando sério.

– Como sim, para quê? Você me pede em casamento há anos! E ainda pergunta para quê? – meio enfurecida, minha mãe encosta na parede Sr. Ferro.

– Claro, claro! Casamos neste final de semana! – painho disse!

E assim foi, ela com dezenove anos e ele com trinta anos! O casamento foi no sítio com grande festança e claro: couve e caju não faltaram.

Nasci desse casamento e desde muito pequena ia para feira com, agora, painho e mamãe. A barraca ganhou tamanho e eu comecei a me interessar por tudo.

Como painho queria muito que seus filhos aprendessem e mantivessem a cultura pernambucana, todos os feriados e férias, íamos com ele ou com minha mãe passar dias com os

parentes em Petrolina, Garanhuns e Recife. Cresci me apaixonando por Pernambuco e sempre amando São Paulo.

E não é que em um Carnaval, nas ladeiras de Olinda, conheci Valter, meu atual marido, e agricultor também! Eu com vinte e dois anos, recém- formada em agronomia e ele já veterinário famoso, especialista em gado.

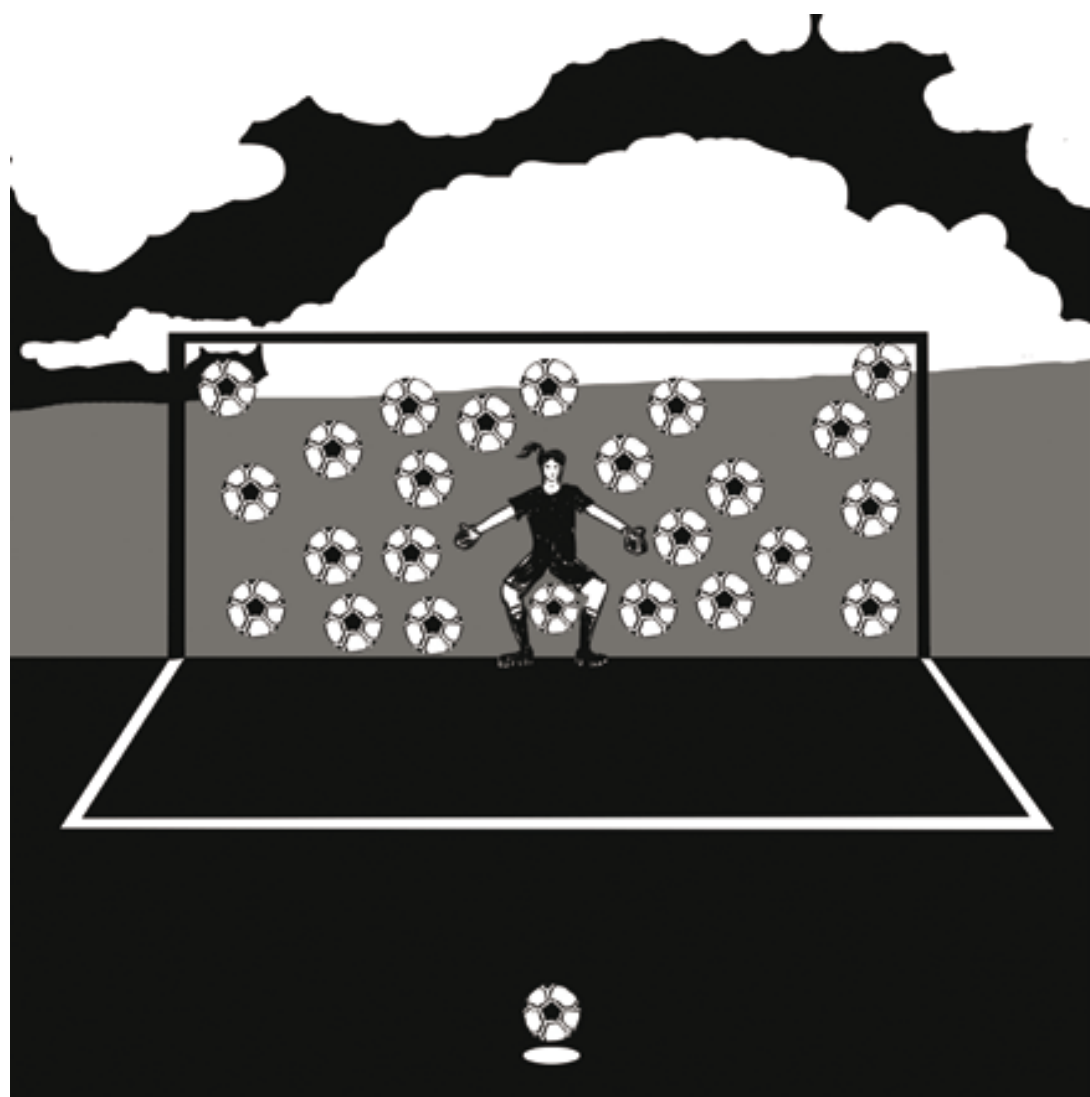
O Carnaval foi delicioso e, no sobe e desce de Olinda, conversamos, nos amamos e descobrimos que ele era de Petrolina e que conhecia toda a família de painho e as histórias de Sr. Ferro e Dona Couve. Rimos muito com o quanto o mundo é pequeno.

Ele veio para São Paulo me pedir em casamento no Natal daquele mesmo ano. Painho ficou feliz da vida porque meu marido era pernambucano e a tradição nordestina iria arraigar-se na família! Mamãe ficou contente também e disse que já sonhava em receber os netos em casa e em ouvir: voinha!

A história se repetia, de certa forma. Vim para Pernambuco e, além de cuidar do gado com meu esposo e das mangas e cajus de painho, viajo com frequência para Mogi das Cruzes, em São Paulo, para cuidar da plantação.

A barraca na feira continua, com muito sucesso. Meus irmãos e sobrinhos cuidam das vendas. Agora, a barraca ganhou um anexo. Um pequeno frigorífico: vende carne fresca de excelente qualidade, de gado pernambucano, criado só com pasto. Pasto que eu desenvolvi. Agora somos Dona Pasto e Seu Carne Fresca. Rimos muito com os apelidos! Junto com as verduras, caju e manga, agora também vai para os restaurantes finos, a nossa carne.

E assim seguimos a tradição de Dona Couve e Sr. Ferro. Felizes. Cuidando dos filhos na feira e na fazenda, no campo e na cidade com bastante suco de caju com couve, muita verdura e carne de primeira na mesa!



24 X 0

Desde o Fundamental 2, a equipe de futebol das fazendeiras, da qual eu fazia parte, era conhecida na região. Por uma coincidência biológica, éramos um time de onze adolescentes altas, fortes e lindas. Uma coincidência feliz! Crescemos rápido e o nosso tamanho, mais a nossa força de quem montava cavalo bravo, tocava gado e sabia pegar na enxada, nos deixavam invencíveis.

A torcida da escola ia ao delírio quando entrávamos em campo! Era ganhar na certa!!!! E ganhamos muito! A sala de troféus e medalhas da escola era reluzente. Todos gostavam de nós.

Foi assim até o final do Fundamental, quando fomos para o Campeonato Estadual. Chegamos com a fama de sermos invencíveis. E éramos mesmo. Até aquele dia!

Quando o hino tocou e vimos o outro time, pensei: “Danouse!”

O outro time era composto de verdadeiras cavalas. Uma mulherada: muito mais altas que nós, e muito mais fortes! “Mas são adolescentes, mesmo?”, pensamos! “São!!!!”

Ficamos preocupadas e começamos o jogo buscando o gol! Nunca o encontramos! O paredão das mulheres do outro time nunca nos permitiu ver o branco da trave.

Uma a uma fomos nos contundindo com as entradas das cavalas. Nossa torcida gritava nos incentivando e pedindo faltas e pênaltis!

Era o último jogo de nossa equipe junta. Aquele campeonato era o último nosso! Iríamos para o Ensino Médio no ano seguintes e queríamos muito continuar as invencíveis!!!!

O juiz apitou pênalti! Ufa! Foi assim que conseguimos ver o gol pela primeira vez!

O placar já estava onze a zero. Quis bater o pênalti porque eu tinha a fama de ter um chute fatal. Chutei a bola. Ela subiu tanto que foi parar na galera que gritou meu nome, dando a maior força, muito embora o placar fosse desanimador.

Tivemos mais pênaltis e faltas. E, de alguma forma, não conseguimos acertar uma!!!! Mas nossa torcida seguia aos berros nos dando força e gritando que ainda dava tempo de recuperar.

Nossa goleira é contundida com um murro na cara! A jogadora é expulsa e ficamos sem goleira. Não tínhamos reserva!

– Vai lá, Vistosa! Vai que é sua! – Me chamavam de Vistosa!

– Eu? Nunca fui goleira! – perplexa com a escolha, respondi.

– Você é a mais alta, a mais forte e com a maior mão – me disseram.

Fui para o gol e o placar estava quatorze a zero. E nossa torcida colocou todas as esperanças em mim.

– Agarra todas, Vistosa!!!

Quando vi, um bando de cavalas se aproximava e aquelas coxas fortíssimas davam força para aqueles pés que lançavam a bomba!

Com medo, no lugar de defender a bola, me defendia e pulava longe da bola.

O jogo foi assim até o final. Mas a galera não nos deixou! Gritavam nossos nomes como se estivéssemos ganhando.

– Fazendeiras!!! – como urravam nos dando força!

Segui levando os frangos até que o jogo acabou no 24 a zero! Sim, zero gols para nós!

Foi uma festa inexplicável! Rolou uma churrascada para nós na volta à cidade. Aquela final não tinha tido valor algum. Na nossa escola, ainda éramos as invencíveis!!! As fazendeiras!!!!

Mudamos de escola porque era hora de ir para o ensino médio. Nos separamos porque as escolas eram em lugares diferentes! As invencíveis não formaram mais um time. Mas a fama segue correndo história vida afora!!!!

A NECESSIDADE DE “DESROTULAR” A JUVENTUDE

Henrique Bovo Lopes
Giulia Miranda Monetta

*A visão naturalizante de adolescência, mais do que uma visão que acoberta as determinações sociais; é uma visão que impede a construção de uma política social adequada para que jovens possam se inserir na sociedade como **parceiros sociais** fortes, criativos, cheios de projetos de futuro.*
(BOCK, 2007)

Ao chegar até aqui você, caro leitor, deve ter, com certeza, se identificado com as histórias, personagens, situações e, principalmente, sentimentos que permeiam a adolescência e juventude. Se você está lendo este livro e já é um adulto, seguramente se sentiu nostálgico, lembrou suas próprias histórias e está agora com saudades do tempo bom que não volta mais. Se você é um adolescente, enquanto lê estas crônicas, sentiu na pele a alegria, o medo, a tristeza e a insegurança de fatos semelhantes que ocorreram com você na semana passada, ou ainda hoje, antes de abrir este livro.

O fato é, seja em um saudoso passado, quanto em um vívido presente, as adolescências e as juventudes nos deixam marcas subjetivas, definindo para sempre quem somos. É por isso que, depois de tantas histórias apresentadas durante esta obra, resolvemos falar o que pensamos sobre a adolescência e juventude. Eu disse pensamos? Sim. Como não poderia deixar de ser, este texto não faria nenhum sentido se não fosse com-

partilhado com alguém. Alguém adolescente com alguém que já foi adolescente. Uma reflexão entre professor e aluna, em que tudo começa com a seguinte pergunta: O que é adolescência e juventude para quem é adolescente? O que é adolescência e juventude para quem é adulto?

Eu, Henrique, escrevo este epílogo com o olhar de um professor de História, que há 15 anos leciona para adolescentes. Em processo reflexivo de minha carreira, me peguei pensando na história e no contexto de vida de cada um dos adolescentes que comigo conviveram. Foram tantas vivências, mas algumas delas me marcaram profundamente. O adolescente sempre fez parte de meu processo reflexivo. E agora “quem vos fala” sou eu, a Giulia. Acabo de fazer 18 anos, sou apaixonada por teatro desde que comecei, há 8 anos, e faço cursinho. Apesar de escutar muito que agora eu sou uma jovem adulta, por ser “maior de idade”, ainda me sinto adolescente; não no sentido quase pejorativo que dão ao título, que carrega junto de si quase que inevitavelmente os termos “imaturo” e “inconsequente”, mas no melhor dos sentidos: uma fase na qual se vive intensamente o presente, onde se rala para construir o próprio futuro, e se diverte nas horas vagas... Quando existem horas vagas!

Juntos, gostaríamos de compartilhar nossos olhares e o convidamos a fazer um pequeno exercício de quebra de paradigmas. A nossa ideia é lhe conduzir a uma forma diferente de enxergar essa fase de desenvolvimento que conhecemos como adolescência. Ao tentar definir o que ela é, acreditamos que muitos de vocês vão dizer que é a fase em que os hormônios afloram e o corpo se transforma. Ora, se estamos falando de transformações biológicas não estamos falando de adolescência, mas sim de puberdade. Acreditamos que a adolescência seja um termo mais profundo, socialmente construído no imaginário da sociedade.

Sabe o que Aristóteles pensava sobre os jovens gregos lá no século IV a.C.? Que eles eram apaixonados, irritadinhos e impulsivos. Além disso, eles se imaginavam invencíveis!!! No

entanto, para ele, o aspecto mais importante da adolescência era a habilidade do jovem para escolher e decidir por si mesmo o próprio destino e isso seria um indício de maturidade. Escolha do destino? Seria mesmo todo jovem grego livre para escolhas? Pensaria o mesmo o jovem espartano séculos atrás? Só de pensar que aos 11 anos de idade, o menino já era preparado para servir ao exército e assim defender o seu povo e, sua mãe, aceitar isso de forma natural, não nos faz pensar que a juventude nem sempre foi a mesma? Havia adolescência? Todos podiam ser livres?

Perguntas como estas nos fazem pensar no fato de que precisamos entender a adolescência como um conceito que surge, desaparece ou se transforma no tempo. Não como predestinação, como moratória, como limite, mas sim, como significado construído socialmente em seu momento sócio-histórico-cultural.

É muito importante enxergarmos a adolescência como uma fase socialmente construída como um produto. Na sociedade contemporânea, esta que tem início com a ascensão burguesa no século XVIII, a lógica política e econômica fez surgir a demanda por uma mão de obra especializada para as indústrias, fazendo com que a fase da juventude se transformasse no intervalo de formação para a vida profissional e adulta. A partir daí surge a escola como uma obrigatoriedade, dividida em classes, em matérias.... Um lugar em que se produz e não se conhece o fruto da produção, um lugar com sinal para almoço, lanche... espere, estamos falando de escola ou de uma fábrica? Coincidência?!?! De forma alguma...

O desenvolvimento do mundo contemporâneo, impulsionado pelas ideias iluministas, revolucionaram o pensamento e a ciência. Com a ciência, os avanços na qualidade de vida, medicina e, conseqüentemente, o prolongamento da vida humana. Os desafios estavam só começando. Era preciso incorporar e criar meios de subsistência, dentro da nova lógica industrial, para uma população que crescia em escala exponencial. Neste

cenário, foi necessário tornar “inválidas” para a sociedade certas faixas etárias, que passam a ser consideradas improdutivas para o mundo do trabalho (KOSHINO, 2011).

A juventude e a velhice são marginalizadas. Para a criança, é a hora de se manter mais tempo sob a tutela familiar. Um tempo para a formação da vida adulta, produtiva. Surge a escola como instrumento de moldar e regular, com períodos cada vez mais longos de aulas, jovens distantes do mundo dos adultos. No contato constante com iguais, longe do mundo do trabalho, surge a adolescência, como grupo social e padrão de comportamento.

A partir do século XX, as necessidades do mundo capitalista contemporâneo transformam a adolescência em grande filão da indústria cultural. Ídolos jovens com suas ofertas de produtos criam padrões de beleza, modelos a serem alcançados... sonhos de consumo!!

Estamos ouvindo aqui uma música que diz: “*A juventude é uma banda, numa propaganda de refrigerantes*” (GESSINGER, 1987). Isso nos fez pensar que essa imagem criada do jovem torna comum que ele seja visto como um rebelde, inconsequente ou mesmo apenas como alguém incapaz de ter responsabilidade e ser um sujeito ativo e respeitado na sociedade, capaz de somar como verdadeiro parceiro social.

Os jovens apresentam todas as características cognitivas, físicas e habilidades de trabalho para serem inseridos no mundo adulto. No entanto, com o distanciamento imposto ao mundo do trabalho, diminuem as possibilidades de autossuficiência e conseqüentemente o tempo de permanência do jovem com sua família aumenta. Mesmo apresentando condições ideais para atuarem de outras formas na sociedade, permanecem na dependência do adulto.

Um comentário que volta e meia se escuta de adultos pelas ruas é “essa juventude está perdida” ou “eles não querem nada com nada”, mas quem foi que os fez ter essa ideia sobre

os adolescentes? E não foram eles próprios adolescentes um dia? Com comentários como esse, o adolescente acaba sendo rotulado por pessoas que, levadas por uma visão naturalizante dos jovens, os inutilizam socialmente.

O fato é que, enxergando o jovem apenas como um “aborrescente”, perdemos de vista o real significado do que é a adolescência, e principalmente do quanto aquele mesmo jovem, que é tão pobremente representado na propaganda de refrigerantes, ou até mesmo em alguns estilos de música, poderia agregar em seu meio, se não fosse marginalizado e taxado de incapaz pelos mais velhos.

*“Eu vejo na TV o que eles falam sobre o jovem não é sério
O jovem no Brasil nunca é levado a sério
— Não é sério”
Charlie Brown Jr.*

A beleza do livro que você está segurando nas mãos agora é que, por conter relatos contados diretamente dos adolescentes que viveram os fragmentos narrados, o livro que busca fugir dos rótulos, sendo assim muito mais verossímil, buscando mostrar sem preconceitos ou rótulos de natureza alguma, direto da fonte, momentos vividos por vários jovens de todos os tipos de personalidade, classe social, contexto e religião. O livro mostra quais são os temores, os valores e o que permeia a cabeça de adolescentes e jovens – não os adolescentes e os jovens representados na mídia, adolescentes e jovens, que andam pelas ruas, que jogam futebol com os amigos às quintas-feiras à tarde, que lutam para entrar na faculdade, que moram nas comunidades, e muitos outros jovens dos mais variados contextos. Mas principalmente, o livro mostra que não existe UMA adolescência, e sim várias experiências, cada qual com suas particularidades e comportamentos, que são regidos bem mais pelo contexto em que os jovens estão inseridos, pelo círculo de amizades, sua classe social e mais uma série de fatores, do que o simples fato de “ser adolescente ou jovem”. Sobre isso, Bock (2007), com base no

materialismo marxista, entende que o indivíduo se desenvolve a partir da sua relação com o mundo social e cultural.

O que enxergamos na obra é a dor e a delícia tão importantes! De ser quem se é, como diz um trecho da música de Caetano Veloso. E no final das contas, veja se concorda com a gente quando concluimos que a adolescência não pode ser vista como um fenômeno padronizado, por ser tão diferente para cada um (a minha adolescência e a sua talvez em nada tenham se parecido, por exemplo).

Para alguns, incluindo as sociedades mais antigas, a adolescência não passa de um ensaio para a peça principal, que seria a vida adulta; para outros, essa fase é o clímax da história. Também há quem pense, como nós, que essa fase não passa de uma cena livre em meio a tantas cenas dessa peça que é a vida, em que nem sempre somos atores, mas simples expectadores.

Sendo assim, nessa peça da qual todos nós participamos, a adolescência é uma experiência social, sendo inútil e prejudicial a todos rotulá-la. Uma vez que o fizemos, perdemos esse parceiro!

REFERÊNCIAS

- BOCK, A. M. B. Adolescência como uma construção social. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRABEE)*, v. 11, n. 1, p. 63-76, Jan./Jun. 2007.
- CHARLIE BROWN JR. Não é sério. Álbum: Nadando com os Tubarões. Part.: Negra Li, 2000. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/charlie-brown-jr/nao-e-serio.html>>. Acesso em: 01 set. 2016.
- GUSHINGER, H. Terra de Gigantes. Álbum: *A revolta dos Dândis*. Engenheiros do Hawaii, 1987. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/engenheiros-do-hawaii/terra-de-gigantes.html>>. Acesso em: 01 set. 2016.
- KOSHINO, I. L. A. *Vigotski: desenvolvimento do adolescente sob a perspectiva do materialismo histórico e dialético*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação Comunicação e Artes – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2011.



Henrique Bovo Lopes nasceu em São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil em maio de 1979. Mestre em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É professor de História e coordenador pedagógico do Colégio Stagio e docente no ensino superior na Faculdade do Educador (Feduc/SP). Participa de projetos de pesquisa voltados à inserção de tecnologias e mídias no contexto escolar. Ministra cursos, workshops e palestras sobre Educação e tecnologias e é Integrante do grupo de pesquisa Linguagem em Atividades no Contexto Escolar e pesquisador do projeto Digit-M-Ed Brasil.



Giulia Miranda Monetta nasceu em São Paulo, Brasil em julho de 1998. Formou-se no ensino médio do Colégio Stagio em São Bernardo do Campo em 2015 e atualmente estuda para ingressar na universidade de Artes Cênicas e Cinema. É estudante de teatro e é membro participante do projeto Digit-M-Ed Brasil.

Ilustrador



Nelson Toledo, paulistano nascido na Lapa em 1962, formado em Educação Artística pela Faculdade de Belas Artes e pós-graduação em Fotografia e Mídia pelo SENAC-SP. Fotógrafo profissional desde 1985 e sempre apaixonado por desenho e pintura. nelson_foto@live.com

